A Sombra do Abutre
por Robert E. Howard

Introdução:

O conto a seguir apresenta a personagem howardiana Sonya de Rogatino (bastante popularizada, décadas depois nos quadrinhos, como Sonja da Hirkânia), na sua única aventura escrita por Howard. Embora a russa Sonya, o germano Gottfried Von Kaimbach e o turco Mikhal Oglu sejam fictícios, personagens como o sultão Suleyman O Magnífico (†1566), sua favorita - e, mais tarde, única esposa - Roxalena (†1558), bem como o Grão-Vizir Ibrahim são personagens verdadeiros e boa parte dos eventos narrados também o é, como a Batalha de Mohacs (1526) e o acontecimento central desta história: o Cerco de Viena (1529), quando a Áustria se viu ameaçada pelos turcos otomanos de Suleyman.
Todavia, ao longo do conto citado, há trechos onde Howard parece enaltecer a imagem do branco europeu cristão, em detrimento da dos muçulmanos, como por exemplo: 'O Destruidor surgia, outra vez, do Oriente misterioso de sombras azuladas, como seus irmãos haviam feito antes dele... Átila... Subotai... Bayazid... Mohammed O Conquistador'. Mais adiante, 'Viena era uma ilha cristalina num mar de infiéis' e, finalmente: 'Os tronos da potência otomana ressoavam por todo o mundo, fazendo empalidecer o esplendor da Pérsia e da Índia mongol. Mas no Ocidente, os bárbaros arianos de cabelos loiros continuavam invictos'.
Confesso que, ao traduzir esta história, tive receio que a publicação desta - aliada às recentes invasões norte-americanas ao Afeganistão e Iraque, as quais eu temo terem aumentado, no senso-comum, o sentimento anti-muçulmano - pudesse ampliar, em pessoas menos esclarecidas, o preconceito contra os povos do Oriente Médio e de outras regiões islâmicas.
Todavia, não podemos esquecer que Howard - embora, em alguns aspectos, liberal para um texano dos anos 30 - nasceu depois que o Imperialismo europeu instalou-se na África e Ásia, e morreu antes da extinção do mesmo. Só isso explica alguns trechos etnocêntricos e aparentemente anti-semitas desta aventura. Infelizmente, Robert Erwin Howard - assim como seus contemporâneos - não era capaz de prever acontecimentos ocorridos após sua morte, como o Holocausto e as confusões causadas - e até hoje existentes - nas regiões muçulmanas. Do contrário, o criador de Kull, Conan e Sonya certamente escreveria um conto muito mais imparcial do que este que será mostrado.

Fernando Neeser de Aragão
(fernando.neeser2@bol.com.br).

A SOMBRA DO ABUTRE (The Shadow of the Vulture)

por Robert E. Howard

publicada originalmente em janeiro/1934

- Esses cães foram convenientemente vestidos e engordados?
- Sim, Protetor dos Fiéis.
- Pois que os tragam e que se arrastem ante a minha presença.
E foi daquele modo que os embaixadores, pálidos após muitos meses de prisão, foram conduzidos ante o trono de Suleyman o Magnífico, sultão da Turquia, e o monarca mais poderoso num tempo de monarcas poderosos. Sob o grande domo púrpura da sala real, brilhava o trono diante do qual o mundo inteiro tremia... revestido de ouro e com pérolas incrustadas. A fortuna em pedras preciosas de um imperador adornava o pálio de seda, do qual pendia uma rede de pérolas brilhantes, costurada com uma grinalda de esmeraldas.

Aquelas jóias formavam uma auréola de glória por cima da cabeça de Suleyman. No entanto, o esplendor do trono empalidecia diante da presença da brilhante figura que nele se sentava, enfeitada por várias pedras preciosas e com um turbante coalhado de diamantes, e finalizado com uma pluma de garça. Seus nove vizires se encontravam ao redor do trono, em atitude humilde. Os soldados da guarda imperial se alinhavam diante do estrado... Solaks com armadura, plumas negras, brancas e escarlates formando ondas por cima dos capacetes dourados.

Os embaixadores da Áustria ficaram impressionados... ainda mais quando haviam tido nove longos meses para refletir no sinistro Castelo das Sete Torres, que dominava o Mármara. O chefe dos embaixadores engolia a cólera e dissimulava o rancor sob uma máscara de submissão... uma estranha capa repousava nos homens de Habordansky, general de Fernando, arquiduque da Áustria. Sua cabeça, de feições duras, parecia uma incoerência entre aquelas vestimentas de seda brilhante - um presente do desprezível sultão -, que mais pareciam uma fantasia, esticando o pescoço enquanto lhe conduziam perante o trono uns robustos jenízaros, que lhe seguravam firmemente os braços. Assim, se apresentavam diante do sultão os enviados dos países estrangeiros desde aquele dia distante, em Kosova, quando Milosh Kabilovitch, cavaleiro da mutilada Sérvia, matou Murad o Conquistador, com uma adaga oculta entre suas vestimentas.

O Grande Turco mirou Habordansky com pouca consideração. Suleyman era um homem alto e delgado, de nariz fino e aquilino, de boca delgada e reta, cuja dureza só era abrandada pelo bigode caído. A única semelhança com a debilidade residia no pescoço delgado e notavelmente longo, mas aquela aparente debilidade era dissimulada pelas duras linhas de seu corpo delgado e pelo brilho de seus olhos negros.

Havia nele algo mais que um rescoldo de sangue tártaro... um justo título, pois era filho, tanto de Selim o Cruel, quanto de Hafza Khantun, princesa da Criméia. Nascido para a glória, herdeiro da maior potência militar do mundo, levando o capacete da autoridade e envolto no manto do orgulho, não reconhecia nada que estivesse abaixo dos deuses ao seu lado.

Sob seu olhar de águia, o velho Habordansky abaixou a cabeça para dissimular a raiva feroz que lhe brilhava nos olhos. Nove meses antes, o general havia chegado a Istambul como representante de seu senhor, o arquiduque, com propostas de trégua e para poder dispor livremente da coroa de ferro da Hungria, arrancada da cabeça do rei Luís, morto no sangrento campo de batalha de Mohacs, de onde os exércitos vitoriosos do Grande Turco lhe haviam aberto o caminho que lhe conduziria diretamente à Europa.

Outro embaixador lhe havia precedido... Jerônimo Lasczky, conde paladino da Polônia. Habordansky, com a brusquidão de sua raça, reclamara a coroa da Hungria para seu senhor, provocando com isso a ira de Suleyman. Lasczky havia pedido de joelhos a mesma coroa, como um mendigo, para entregá-la a seus compatriotas em Mohacs.

Lasczky fora coberto de honras, ouro e promessas de proteção. Em troca, havia tido que dar tais roupas que atemorizavam sua alma de ladrão... vendendo os súditos para que fossem convertidos em escravos... abrindo caminho ao sultão através dos territórios subjugados, até conduzir-lhe ao mesmíssimo coração da Cristandade.

Tudo aquilo havia chegado aos ouvidos de Habordansky, que espumou de raiva na prisão à qual a feroz cólera do sultão o havia levado. Naquele momento, Suleyman fitava com desdém o velho e fiel general. Renunciou à formalidade habitual de dirigir-se a ele por intermédio de seu Grão-Vizir. Um turco de sangue real nunca havia reconhecido que falava alguma das línguas francas, mas Habordansky entendia o turco. As observações do sultão foram breves e sem preâmbulos:

- Informa a teu amo que já estou pronto para visitar suas terras, e que se ele não quiser encontrar-se comigo nem em Mohacs, nem em Pest, eu mesmo irei buscá-lo nas muralhas de Viena.

Habordansky se inclinou, sem responder, temendo que sua cólera explodisse. Ante um gesto depreciativo da mão imperial, um oficial da corte avançou e entregou ao general uma pequena bolsa dourada, com duzentos ducados. Cada membro de sua escolta, esperando pacientemente do outro lado da sala, vigiado pelas lanças dos jenízaros, foi recompensado do mesmo modo.

Habordansky murmurou uma frase de agradecimento; suas mãos nodosas se crispavam no presente. O sultão sorriu ligeiramente, com plena consciência de que o embaixador lhe teria atirado, de boa vontade, as moedas na cara... se tivesse se atrevido. Levantou a mão para despedir-se, mas se deteve subitamente ao dirigir o olhar aos homens que formavam a comitiva... ou, mais precisamente, a um dos homens. Aquele homem era muito mais alto que qualquer outro que se encontrava na sala. Robusto. Vestia desengonçadamente as roupas turcas com que lhe haviam fantasiado. O sultão fez um gesto e o levaram ante ele,

firmemente seguro pelos soldados.
Suleyman o examinou longamente. O traje turco e o volumoso khalat não conseguiam esconder as duras marcas de seu corpo firme e musculoso. Seus cabelos avermelhados estavam cortados, e o bigode loiro e caído emoldurava um queixo enérgico. Os olhos azuis pareciam estranhamente velados; era como se aquele homem tivesse dormido em pé, com os olhos abertos.
- Falas turco? - perguntou o sultão.
Suleyman fazia a aquele homem a surpreendente honra de dirigir-se diretamente a ele. Apesar de toda a pompa da corte otomana, o sultão ainda conservava algo da naturalidade de seus ancestrais tártaros.
- Sim, Sua Majestade. - respondeu o franco.
- Quem és?
- Me chamo Gottfried Von Kaimbach.
Suleyman franziu a testa. Inconscientemente, seus dedos chegaram até seu ombro, de onde, sob a túnica de seda, podia notar as bordas de um velho ferimento.
- Nunca esqueço um rosto. Já vi o teu antes... em circunstâncias tais que ficou gravado em minha memória. No entanto, não consigo lembrar quais foram as circunstâncias.
- Estive em Rodas (1). - respondeu o germano.
- Houve muitos homens em Rodas. - respondeu secamente Suleyman.
- Efetivamente. - admitiu Von Kaimbach, tranqüilamente - De L'Isle Adam esteve ali.
Suleyman se enrijeceu e seus olhos brilharam ao ouvir o nome do Grande Magistrado dos Cavaleiros de São João, cuja encarniçada defesa da cidade de Rodas havia custado ao turco sessenta mil homens. Decidiu, entretanto, que aquele franco não parecia sutil o bastante para que sua observação implicasse alguma pérfida zombaria. Mandou os embaixadores embora, com um gesto da mão.
Empurrados pelos guardas, afastaram-se de sua presença, andando de ré, e o incidente terminou. Os francos deixariam Istambul, cuidadosamente guardados e conduzidos até a fronteira mais próxima do Império. A advertência do turco não tardaria a chegar até o arquiduque e, levando-a em conta, os exércitos da Porta Sublime se colocaram em marcha. Os oficiais de Suleyman sabiam que o Grande Turco não se contentaria em pôr Zapoiya, aquele bronco, no conquistado trono da Hungria. As ambições de Suleyman abrangiam toda a Europa... a qual, durante séculos, não havia feito outra coisa senão enviar ao Oriente hordas que cantavam e saqueavam. Os povos do Oriente, de natureza inconstante e fantasiosa, pareceram muitas vezes maduros para a conquista muçulmana, e embora nunca tivessem alcançado a vitória, tampouco haviam sido conquistados.
No mesmo dia em que os embaixadores austríacos deixaram Istambul, Suleyman, meditando sobre seu trono, levantou a cabeça de feições suaves e fez a seu Grão-Vizir um gesto com a mão. O vizir se aproximou, confiante. O Grão-Vizir sempre estava seguro da aprovação de seu senhor. Acaso não era seu companheiro na bebida e amigo de infância do sultão?
Ibrahim só tinha uma rival que disputava o favor de seu amo... a jovem russa de cabelos avermelhados, Khurrem a Alegre, a mesma que toda a Europa conhecia como Roxalena. Os mercadores de escravos haviam-na arrebatado da casa de seu pai, em Rogatino, e havia conseguido tornar-se a favorita do harém do sultão.
- Acabo de me lembrar aonde vi esse infiel. - disse Suleyman - Lembra-se da primeira carga de Cavaleiros em Mohacs?
Ibrahim estremeceu ligeiramente diante daquela menção.
- Oh, Protetor dos Fiéis, como eu poderia esquecer o dia em que um infiel derramou o sangue divino de meu amo?
- Pois recordarás que trinta e um cavaleiros, os paladinos dos nazarenos, investiram impetuosamente contra nós, aceitando cada um deles em ter que dar a vida para acabar com minha nobre pessoa. Por Alá, investiram como homens que foram ao casamento! Seus potentes destreiros e suas longas lanças derrubaram e atravessaram a todos que tentaram contê-los; suas armaduras destruíam o aço mais fino. Mas caíram quando retumbaram os fuzis. Só restaram três a cavalo... o cavaleiro Marczali e dois companheiros de armas. Aqueles paladinos ceifaram meus solaks como se fossem trigo maduro... mas Marczali e um de seus companheiros caíram... quase aos meus pés.
Suleyman continuou falando.
- Mas ainda sobrava um cavaleiro. O capacete com viseira havia caído de seu rosto e o sangue ensopava todas as junções de sua armadura. Lançou seu cavalo direto contra mim, fazendo girar a espada com as duas mãos. Juro pela barba do Profeta que a morte esteve tão perto de mim, que pude sentir na nuca o hálito ardente de Azrael! Sua espada cintilou

como um raio e se abateu sobre meu capacete... o golpe me deixou meio atordoado e quase sangrei pelo nariz... Mas desviei o golpe e a espada me rachou a couraça no ombro, e me fez esta ferida que hoje, entretanto, quando chegam as chuvas, continua me incomodando. Os jenízaros, que lhe cercavam por todos os lados, cortaram as patas traseiras de seu cavalo, e ele caiu à terra, junto com o animal. Os solaks que haviam sobrevivido me apartaram da batalha. Então, apareceu o exército húngaro. Não pude ver o que aconteceu àquele cavaleiro. Mas hoje pude voltar a vê-lo.
Ibrahim se sobressaltou e deixou escapar uma exclamação de incredulidade.
- Não, não há como eu equivocar-me... reconheci seus olhos azuis. Como o fez, o ignoro, mas sei que esse germano, Gottfried Von Kaimbach, é o mesmo cavaleiro que me feriu em Mohacs.
- Mas, Defensor da Fé... - contestou Ibrahim - As cabeças de todos aqueles cavaleiros foram empaladas diante de tua tenda real.
- E contei-as, e nada disse então, para evitar que os homens pensassem que devia fazer cair sobre ti minha cólera. - respondeu Suleyman - Havia apenas trinta e uma cabeças. A maioria estava tão mutilada, que só podia ver seus riscos. Mas, de uma forma ou de outra, esse infiel que foi capaz de ferir-me escapou da matança. Me agradam os homens valentes, mas meu sangue não é suficientemente vulgar para um infiel poder derramá-lo impunemente, para que os cães o chupem. Cuide dele.
Ibrahim se inclinou respeitosamente e retirou-se. Atravessou longos corredores e entrou num quarto azul; as janelas, com arcadas de ouro, davam para espaçosas galerias sombreadas por plantas e ciprestes, refrescadas pelo borbulhar da água em fontes ruidosas. Deu uma ordem e não demorou a reunir-se com Yaruk Khan, um tártaro da Criméia, uma figura impassível de olhos oblíquos, com uma armadura de couro e de bronze polido.
- Yaruk. - disse o vizir - Seu olhar, velado pelos koumis, viu o germano, aquele homem alto a serviço do emir Habordansky... aquele cuja cabeleira era tão vermelha quanto a juba de um leão?
- Falas desse noyon a quem chamam Gombuk.
- Ele mesmo. Leva contigo um chambul de seus cães e alcança os francos. Retorna com esse homem e serás amplamente recompensado. As pessoas dos embaixadores são sagradas, tão logo este assunto não é oficial. - comentou cinicamente.
- Ouvir é obedecer!
Com uma reverência tão profunda como se fosse concedida ao próprio sultão, Yaruk Khan saiu da sala, deixando a sós a segunda pessoa mais importante do Império.
Voltou alguns dias depois, manchado de barro e esgotado pela longa cavalgada, mas sem a presa. Ibrahim lançou sobre ele um olhar ameaçador. O tártaro se prostrou diante das almofadas de seda nas quais se sentava o Grão-Vizir, na sala azul, com grandes janelas com arcadas de ouro.
- Grande Khan, não deixes que tua cólera se abata sobre teu escravo. Não foi culpa minha, eu juro pelas barbas do Profeta!
- Senta-te e conta-me tua história. - ordenou Ibrahim.
- Eis o que se passou, senhor... - começou Yaruk Khan - Fui a galope. Os francos e sua escolta me levaram uma considerável vantagem, pois haviam viajado durante a noite, sem pararem. No entanto, consegui alcançá-los no dia seguinte, ao meio-dia. Mas Gombuk já não se encontrava entre eles! Quando me informei sobre ele, o paladino Habordansky, por toda a resposta, proferiu uma série de blasfêmias tão sonoras quanto o estouro de um canhão. Perguntei a alguns dos membros da escolta que falavam a mesma linguagem que esses infiéis, e soube o que havia passado. Só gostaria que meu senhor lembrasse que não faço mais do que repetir as palavras dos spahis da escolta, que são homens sem honra e que mentem como...
- Um tártaro. - concluiu Ibrahim. Yaruk Khan recebeu a gentileza com um largo sorriso, semelhante à careta de um cão; logo, prosseguiu:
- Veja o que me disseram. Ao amanhecer, Gombuk separou seu cavalo dos demais, e o emir Habordansky lhe perguntou a razão. Gombuk pôs-se a rir, como fazem os francos, 'há, há, há!', e lhe respondeu: 'Foi muito vantajoso servir-te! Pude descansar durante nove meses numa prisão turca e Suleyman me deu um salvo-conduto até a fronteira. Já não tenho porque lhe acompanhar!'. 'Cão!', lhe contestou o emir. 'Uma guerra está prestes a começar e o arquiduque precisará de tua espada'. 'Que o diabo leve o arquiduque!', lhe respondeu Gombuk. 'Se Zapoiya é um cão, por não ter intervido em Mohacs e haver permitido com isso que despedaçassem a nós e a nossos aliados, Fernando não o é menos. Quando estava sem alvo, pus minha espada a seu serviço. Agora que tenho duzentos ducados e estas roupas, que posso vender a qualquer judeu por um bom monte de moedas de prata, que o

Diabo me leve se eu voltar a desembainhar a espada por alguém enquanto me reste um ducado. Penso em ir à mais próxima taberna cristã; tu e o arquiduque podem ir ao Inferno!'. O emir o amaldiçoou e imprecou. Gombuk se afastou rindo, 'há, há, há!', e cantando uma canção sobre uma barata chamada...
- Basta!
Os traços de Ibrahim estavam tão negros quanto sua raiva. Puxou violentamente a barba, meditando que aquela alusão a Mohacs confirmava as suspeitas de Suleyman. Aquele assunto das trinta e uma cabeças - quando deviam ter sido trinta e duas - era algo que nenhum sultão turco jamais esqueceria. Pessoas importantes, de alta estirpe, haviam perdido o posto... e a cabeça, por questões mais insignificantes. O modo como Suleyman se comportara demonstrava sua quase inacreditável indulgência e consideração para com seu Grão-Vizir; mas Ibrahim, apesar de sua vaidade, era um homem perspicaz e não desejava que nenhuma mácula, nem a mais ligeira, se interpusesse entre ele e seu soberano.
- Não podias seguir a pista dele, cão? - perguntou.
- Por Alá... - jurou inquieto o tártaro - ele ia à velocidade do vento. Atravessou a fronteira, com várias horas de vantagem sobre mim. O segui tanto quanto ousei...
- Chega de desculpas. - lhe interrompeu Ibrahim - Procure Mikhal Oglu e diga-lhe que venha.
O tártaro se retirou, dando graças. Ibrahim não costumava ser tão tolerante quando um homem fracassava na missão encomendada.
O Grão-Vizir meditava sombriamente, sentado nas almofadas de seda, quando a sombra de duas asas de abutre estendeu-se sobre o chão de mármore. A delgada figura daquele a quem havia mandado buscar inclinou-se diante dele. O personagem, cujo simples nome fazia tremer de horror a toda a Ásia Ocidental, falava com voz muito doce e se movia com a agilidade de um gato; mas, o mal absoluto de sua alma se transparecia em cada uma de suas feições sinistras e fazia brilhar seus olhos rígidos e oblíquos.
Era o líder dos akinji, cavaleiros cruéis cujas incursões espalhavam o terror e a devastação por todas as regiões situadas além das fronteiras do Grande Turco. Usava a couraça e o capacete recobertos de pedras preciosas; as grandes asas de abutre haviam sido fixadas às ombreiras de sua cota-de-malha dourada. Aquelas asas se desdobravam ao vento, quando ele lançava seu cavalo a galope; as sombras da morte e da destruição escondiam-se sob suas plumas. Era a ponta da cimitarra de Suleyman, o mais ilustre assassino de uma nação de assassinos, que se achava na presença do Grão-Vizir.
- Não tardarás em estar diante dos exércitos de nosso senhor pelas terras dos infiéis. - lhe anunciou Ibrahim - Receberás a mesma ordem de sempre: atacar e não perdoar a ninguém. Devastarás os campos e os vinhedos dos cáfaros, incendiarás suas aldeias e prenderás suas mulheres. As terras que houverem diante de nossos exércitos vitoriosos, gritarão de dor sob teu calcanhar de aço.
- São notícias muito boas de se ouvir, favorito de Alá. - respondeu Mikhal Oglu com sua voz suave e delicada.
- No entanto, há uma ordem dentro de outra. - prosseguiu Ibrahim, olhando fixamente o akinji
- Conheces o germano Von Kaimbach?
- Sim... Gombuk, como lhe chamam os tártaros.
- Efetivamente... Minha ordem é a seguinte: sejam quantos forem os que combatam ou fujam, vivam ou morram... esse homem não deve viver. Busca-o e desmascara-o, ainda que sua busca te leve às margens do Reno. Quando me trouxeres sua cabeça, tua recompensa será três vezes o teu peso em ouro.
- Ouvir é obedecer, senhor. Dizem que se trata do filho errante de uma nobre família germana, rechaçado pelos familiares. Sua perda só será lamentada pelo vinho e pelas mulheres. Há quem diga que ele foi, em outros tempos, Cavaleiro de São João, antes de ter que deixar a Ordem por suas bebedeiras e...
- Procure não subestimá-lo. - cortou Ibrahim com tom severo - Pode ser um bêbado, mas não se pode desprezar um homem que lutou ao lado de Marczali. Não o esqueças!
- Não haverá esconderijo em que possa ocultar-se para escapar de mim, favorito de Alá. - declarou Mikhal Oglu - Não haverá noite escura o bastante, nem mata suficientemente espessa para ocultá-lo. Se eu não te trouxer sua cabeça, que ele te envie a minha.
- Basta! - disse Ibrahim com um sorriso, descansando a barba de satisfação - Podes retirar-te.
A sinistra silhueta de asas de abutre saiu da sala azul, com passo ligeiro e silencioso. Ibrahim não tinha a menor dúvida de que acabava de dar os primeiros passos de uma luta encarniçada que se desenrolaria durante anos e em países distantes... uma guerra feroz e cruel, cujos turbilhões cobririam os tronos, os reinos e as mulheres de ruiva cabeleira, mais belas que as chamas do Inferno.

NUMA PEQUENA CABANA de teto de cana, em uma aldeia situada nas proximidades do Danúbio, roncos sonoros se elevavam do catre de palha, onde se estendia uma forma envolta numa capa feita de retalhos. Era o cavaleiro Gottfried Von Kaimbach, que dormia o sono da inocência e do ale. A jaqueta de veludo, as ceroulas de seda, o khalat e as botas de pele, presentes do desdenhoso sultão, não se viam por nenhuma parte. O cavaleiro levava pouco mais que uma enferrujada cota de malha. Umas mãos lhe sacudiram e lhe tiraram do sono. Blasfemou em tom sonolento.
- Acorde, senhor! Oh, acorda, bom cavaleiro... porco... cachorro! Vai se levantar de uma vez, maldição?
- Me dá o que beber, taberneiro. - murmurou, todavia, o homem submerso no sono - Quê... quem? Cachorros te mordam, Ivga! Não me resta um único aspro... nenhuma moeda. Seja uma boa garota e deixe-me dormir.
A jovem começou a sacudi-lo e movê-lo pelos ombros.
- Oh, seu bruto! Acorda, eu lhe disse! E pegue a lança! Fique alerta!
- Ivga - sussurrou Gottfried, afastando-a - Leva meu capacete ao judeu. Te pagará o suficiente para que possamos nos embebedar de novo.
- Imbecil! - gritou a jovem, desesperada - Não é dinheiro que eu quero! Todo o Leste está em chamas, e ninguém sabe a razão!
- Já parou de chover? - perguntou Von Kaimbach, finalmente comunicando certo interesse pelo que se passava a seu redor.
- Deixou de chover há horas. Entretanto, ainda podes ouvir como goteja. Pega a espada e sai à rua. Todos os homens da aldeia estão perdidamente bêbados, graças às suas últimas moedas de pratas, e as mulheres não sabem o que pensar, nem o que fazer. Ah!
Aquela exclamação saiu de seus lábios, ao mesmo tempo em que um estranho brilho aparecia subitamente, reluzindo através das fissuras nas paredes da cabana. O germano pôs-se de pé com um movimento incerto, ajustou rapidamente o cinto que segurava a grande espada e enfiou na cabeça o capacete amassado. Seguiu Ivga à rua. Era uma jovem delgada. Descalça, vestia apenas um traje curto, semelhante a uma túnica, cujos longos rasgos deixavam ver uma boa extensão de carne branca e reluzente. A aldeia parecia morta e inanimada. Não havia luz em parte alguma. A água caía, gota a gota, das coberturas de cana dos telhados. As poças de água barrenta, dispersas pela rua, espelhavam sombriamente. O vento suspirava e gemia de forma estranha, através dos galhos, negros e úmidos de chuva, das árvores que rodeavam a pequena aldeia como uma tenebrosa muralha. Ao sudeste, elevando-se até o céu, uma luz palidamente púrpura rasgava as nuvens frias e úmidas. Choramingando, Ivga se abrigou nos braços do germano.
- Vou lhe dizer o que é isso, Ivga. - falou à jovem, observando fixamente o brilho avermelhado do céu - São os demônios de Suleyman. Atravessaram o rio e estão incendiando as cidades. Já vi antes esses reflexos no céu. Na verdade, esperava que tudo isso houvesse acontecido antes, mas essas chuvas infernais, que nos têm alagado durante semanas, devem tê-los feito recuar o ataque. Sim, são os akinji, e não se deterão a este lado de Viena. Escute, vai depressa e em silêncio até o estábulo atrás da cabana, e traga meu garanhão cinza. Deslizaremos como ratos através desses demônios. Meu cavalo poderá levar a nós dois sem esforço.
- Mas os outros moradores da aldeia...! - soluçou Ivga, retorcendo as mãos.
- Bom... - disse Von Kaimbach - Que Deus conceda o descanso a suas almas! Os homens beberam meu ale com prazer e as mulheres foram bastante carinhosas... mas, pelos chifres de Satanás, esse pangaré cinza não pode levar toda uma aldeia nas costas!
- Vá você, se quiser! - respondeu a jovem - Eu fico aqui, para morrer com os meus!
- Os turcos não te matarão. - convenceu-lhe o germano - Te venderão a algum velho mercador de Istambul, gordo e seboso, que não fará outra coisa senão te bater. Eu não pretendo ficar aqui pra me cortarem a garganta, e você...
Um grito horrível da jovem o fez interromper o discurso. Virou-se e viu o mais abjeto medo nos olhos arregalados de Ivga. No mesmo instante, uma cabana, do outro lado da aldeia, desabou vítima das chamas; as estacas úmidas ardiam lentamente. Um concerto de gritos e uivos ferozes seguiu à exclamação da jovem. À luz das chamas havia silhuetas que bailavam e gesticulavam selvagemente. Gottfried examinou as sombras cuidadosamente e viu formas que escalavam e enchiam o pequeno muro lamacento, ao qual a embriaguez e a negligência dos aldeões havia deixado desguarnecido.
- Maldição! - grunhiu - Esses condenados já estão aqui. Haviam se aproximado da cidade, protegidos pelas sombras. Siga-me depressa!
Agarrou o pulso branco da jovem pra puxá-la. A garota gritava e se debatia, tentando soltar-

se, arranhando-o feito um gato selvagem, louca de medo. Naquele exato instante, o muro de tijolo cru desabou muito perto deles. Cedera, ao receber o impacto de vinte cavalos; seus cavalos se lançaram a galope pelas ruas da aldeia condenada. Suas silhuetas se destacavam nitidamente sobre o crescente resplendor do incêndio. As cabanas ardiam por toda a parte; os gritos aumentavam, enquanto os invasores tiravam das casas as mulheres e os homens, para fatiar-lhes o pescoço. Gottfried viu as delgadas silhuetas dos cavaleiros, o brilho das chamas se refletindo nas suas couraças; viu as asas de abutre do que ia à frente. Reconheceu Mikhal Oglu e viu como ele se erguia na sela e sinalizava a seus homens com o dedo.

- Matem-no, cães! - berrou o akinji. Sua voz não era suave, mas estridente como o rangido de um sabre ao ser desembainhado - É Gombuk! Quinhentos aspros ao homem que me trouxer sua cabeça!

Lançando uma blasfêmia, Von Kaimbach lançou-se às sombras da cabana mais próxima, arrastando com ele a jovem que não deixava de gritar de medo. No momento em que saltava, ouviu o estalo seco da corda de um arco. Ivga soltou um lamento rouco e desabou frouxamente aos pés do germano. Sob a pálida luz do incêndio viu a extremidade emplumada de uma flecha, que ainda tremia dentro do coração da jovem. Com um surdo lamento, virou-se para enfrentar seus assaltantes, como um urso feroz rodeado de caçadores e disposto a livrar um último combate. Permaneceu na mesma posição por alguns instantes, com as pernas separadas, aspecto feroz, agarrando a imensa espada com ambas as mãos. Logo, como um urso que evita combater os caçadores, deu meia-volta e fugiu, rodeando a cabana. As flechas assobiavam à sua volta, algumas ricocheteando nas malhas de sua cota. Não houve disparos. A cavalgada, através do bosque molhado de chuva, havia molhado a pólvora dos akinji.

Von Kaimbach contornou o casebre, atento aos berros ferozes que se ouviam atrás dele. Alcançou a quadra onde se encontrava seu garanhão cinza. Justamente quando chegou à porta, alguém rosnou das sombras, como uma pantera, e abriu caminho até ele, ferozmente. Deteve o golpe erguendo a espada, e contra-atacou com toda a força de seus poderosos ombros. A longa espada se abateu e ricocheteou sobre o capacete polido do akinji, para atravessar as malhas da jaqueta. Cortou o braço do homem à altura do ombro.

O muçulmano desabou com um gemido, e o germano saltou por cima da figura caída ao solo. O cavalo cinza, louco de terror e excitação, relinchou estridentemente e empinou, ao mesmo tempo em que seu dono saltava sobre seu lombo. Não havia tempo de pôr a sela e as bridas no animal. Gottfried cravou as esporas nos flancos estremecidos do vigoroso animal. Atravessou a porta com a velocidade de um raio, derrubando homens à esquerda e direita. O germano pôs o cavalo a galope, até um espaço aberto, iluminado pelas chamas do incêndio, entre as cabanas em brasa. O cavalo pisoteou os corpos que se encolhiam no solo, sacudindo seu cavaleiro da cabeça aos pés, enquanto atravessava velozmente os pântanos de água enlameada.

Os akinji correram até o cavaleiro fugitivo, disparando flechas e uivando como lobos. Os que iam montados lançaram-se atrás dele, e os que ainda estavam a pé começaram a correr até a muralha onde deixaram suas montarias.

As flechas assobiavam ao redor da cabeça de Gottfried, enquanto ele guiava seu corcel até o muro oeste, que ainda se mantinha de pé... e que era a única via de escape que lhe restava. Era correr um risco imenso, pois o terreno era escorregadio e traiçoeiro, e o cavalo nunca havia tentado um salto como aquele. Gottfried prendeu o fôlego, ao sentir que aquele grande corpo sob ele tomava impulso e se esticava em plena corrida, encarando um salto quase impossível. Logo, com uma inconcebível torção de seus poderosos tendões, o garanhão saltou e atravessou o obstáculo, apenas uma polegada acima deste.

Os perseguidores soltaram berros de surpresa e raiva, e puxaram as rédeas de seus corcéis. Aqueles homens eram excelentes montadores; mas não se atreveram a dar um salto tão perigoso. Perderam um tempo precioso, buscando portas ou brechas no murro barrento. Quando finalmente saíram da aldeia, o bosque sombrio e sussurrante, úmido e gotejando água, já havia engolido sua presa.

Mikhal Oglu blasfemava feito um demônio. Confiando o controle de seus akinji a seu lugar-tenente, Othman, e após dar ordens de matar todos os habitantes da aldeia, partiu em busca do fugitivo pelos caminhos lamacentos do bosque, à luz de tochas. Estava decidido a pegar aquele homem, mesmo que a caçada lhe levasse para diante dos muros de Viena.

MAS ESTA NÃO ERA A VONTADE de Alá, e Mikhal Oglu não pegou o germano, no bosque sombrio que transpirava água. Gottfried Von Kaimbach conhecia a região melhor que seus perseguidores. Apesar de sua intrepidez, estes não tardaram em perder sua pista na

escuridão.
A aurora encontrou Gottfried avançando por um país devastado e golpeado pelo terror. As chamas de um mundo ardente iluminavam o horizonte, do leste até o sul. A planície estava coalhada de fugitivos, titubeantes sob o fardo pesado de seus irrisórios pertences, empurrando, diante de si, um gado que mugia aterrorizado, como se fossem pessoas fugindo do fim do mundo. As chuvas torrenciais, que haviam dado uma falsa promessa de segurança, já não eram capazes de reter o inexorável avanço dos exércitos do Grande Turco.
Com 250 mil homens, o sultão destruía as marcas orientais do Cristianismo. Enquanto Gottfried estivera de farra nas tabernas das cidades isoladas, embriagando-se com o dinheiro dado pelo sultão, Pest e Buda haviam caído. Os soldados germanos que defendiam a última daquelas cidades haviam sido massacrados pelos jenízaros, apesar da promessa de Suleyman, de perdoá-los... Suleyman, a quem os homens chamavam de O Generoso. Enquanto Fernando, os nobres e os arcebispos se desentendiam na Dieta de Espira, só os elementos da Natureza pareciam lutar a favor do Cristianismo. A chuva caía torrencialmente; os turcos avançavam penosamente, mas com obstinação, apesar dos rios transbordantes que transformavam planícies e florestas em pântanos cheios de barro. Se afogavam nas águas dos tumultuosos rios desembocados de seus leitos, e perdiam enormes quantidades de munições, mantimentos e equipamentos quando seus barcos afundavam, as pontes desabavam e suas carroças atolavam. Mas, mesmo assim, não deixavam de avançar, empurrados pela vontade implacável de Suleyman. Naqueles momentos, naquele mês de setembro de 1529, pisoteando os escombros da Hungria, os turcos lançavam-se sobre a Europa, enquanto os akinji - os Devastadores - assolavam o país, como um vento furioso que precedia a tempestade.
Tudo aquilo Gottfried soube, em parte graças aos fugitivos, enquanto guiava seu extenuado cavalo até a cidade, o único refúgio possível para aqueles milhares de seres esgotados. Atrás dele, o céu tingia-se de vermelho pelas chamas; o vento levava debilmente, até seus ouvidos, os gritos dos desgraçados que eram massacrados pelos akinji. Às vezes, podia até ver as multidões escuras e formigantes dos cruéis cavaleiros. As asas do abutre se estendiam horrivelmente sobre aquela região mutilada; sua sombra recobria a Europa inteira. O Destruidor surgia, outra vez, do Oriente misterioso de sombras azuladas, como seus irmãos haviam feito antes dele... Átila... Subotai... Bayazid... Mohammed O Conquistador. Todavia, nunca antes uma tormenta como aquela havia ameaçado a Europa.
Diante das asas estendidas do abutre, o caminho se cobria de fugitivos gementes. Às suas costas, vermelho e silencioso, se estendia um caminho semeado por corpos mutilados que já não gemiam mais. Os assassinos estavam a menos de meia hora a caminho, quando Gottfried Von Kaimbach, no lombo de seu exausto corcel, atravessou as portas de Viena. Desde há muitas horas, todos os que se amontoavam nas muralhas estavam ouvindo os lamentos que o vento, lugubremente, levava até eles. Já podiam ver, à distância, como o sol se refletia nas pontas das lanças, enquanto os cavaleiros a galope se lançavam, desde as colinas até a planície que rodeava a cidade. Viram que as espadas brilhavam, como foices entre trigo maduro.
Von Kaimbach entrou numa cidade em ebulição. Os habitantes gritavam e se amontoavam ao redor do conde Nikólas Salm, o velho guerreiro de setenta anos que estava encarregado da guarnição de Viena, e seus oficiais, Roggedendrof, o conde Nikólas Zrinyi e Paul Bakics. Salm trabalhava movido por uma ânsia frenética, fazendo derrubar as casas próximas às muralhas e utilizando seus materiais para consolidar os muros, antigos e pouco consistentes. Em nenhum lugar, sua espessura ultrapassava 1m80; numerosos painéis estavam rachados e ameaçavam desmoronar. A paliçada exterior tão frágil, que batizaram-na de Stadzaun... a cerca da cidade.
Todavia, sob a agitada direção do conde Salm, os galvanizados defensores haviam edificado um novo muro, de seis metros de altura, que ia da entrada de Stuben à de Karnthner. Fossos, ao lado dos antigos, foram escavados e novas muralhas foram construídas desde a ponte levadiça até a porta de Salz. As vigas foram arrancadas dos telhados, para diminuir os riscos de um incêndio, e as lajes, levantadas para atenuar o impacto das canhonadas. Os arredores da cidade foram desocupados. Haviam sido incendiados, para que não servissem de refúgio aos invasores. Durante todos aqueles preparativos, inclusive quando os akinji chegaram a galope, houve incêndios aparecendo por toda a parte, o que acrescentou maior confusão à já reinante.
Era como o inferno e o caos! Em meio àquele tumulto, cinco mil civis desafortunados - velhos, mulheres e crianças - foram implacavelmente rechaçados pelas portas e deixados à própria sorte. Seus gritos, quando os akinji caíram sobre eles para despedaçá-los,

enlouqueceram de terror aos que haviam se refugiado dentro das muralhas.
Aqueles demônios chegavam aos milhares. Atravessaram a crista das colinas para lançar seus cavalos à descida das inclinações, e se atirarem contra a cidade, em grupos desordenados, como abutres que se reúnem ao redor de um camelo moribundo.
Menos de uma hora depois da primeira onda de atacantes, não sobrava nem um só cristão vivo do lado exterior das muralhas, exceto aqueles que, presos com cordas atadas às empunhaduras das selas dos cavalos, corriam como condenados para não caírem e serem arrastados até morrer.
Os selvagens cavaleiros galoparam ao redor das muralhas, uivando e disparando flechas. Os homens postados nas torres reconheceram o terrível Mikhal Oglu, graças às asas de sua couraça. Observaram que ele ia de uma pilha de cadáveres a outra, examinando-os com avidez. Puxando as rédeas de seu cavalo, olhou interrogativamente até as barricadas.
Enquanto isso, vindo do oeste, um grupo de mercenários germanos e espanhóis havia conseguido abrir caminho, através das fileiras dos impiedosos akinji. Entraram na cidade, entre aclamações da multidão. Felipe, O Palgrave, marchava à frente deles.
Gottfried von Kaimbach, apoiando-se na espada, observou-os passar. Usavam cintilantes couraças e capacetes emplumados; longos mosquetes pendiam de seus ombros; pesadas espadas de dois gumes estavam cingidas, com tiras de couro, a suas costas recobertas de aço. Gottfried contrastava vivamente com eles, pois sua cota-de-malha estava oxidada; seu equipamento, fora de moda, meio comprado em qualquer lugar, mal enfeitado... parecia ser alguma figura vinda do passado, enferrujada e pálida, que observava o avanço de uma nova geração, mais brilhante. Entretanto, Felipe o reconheceu e saudou, quando a coluna passou junto a ele.
Von Kaimbach se dirigiu às muralhas, de onde os canhoneiros atiravam calmamente contra os akinji, que demonstravam certa disposição para se atirarem de assalto às muralhas, e lançavam cordas com nós soltos até as ameias do parapeito. Mas, enquanto avançava até seu destino, tomou conhecimento de que Salm estava recrutando nobres e soldados para cavarem fossas e empregá-los em novos trabalhos de entrincheiramento. Buscou refúgio numa taberna, a cujo taberneiro, um homem de pernas arqueadas, obrigou a vender fiado. Começou a beber e, aos poucos, chegou a um estado no qual ninguém seria capaz de lhe pedir ajuda alguma.
Canhonadas, detonações e gritos chegavam até seus ouvidos, mas lhes dava pouca atenção. Sabia que os akinji, uma vez terminado o massacre, seguiriam seu caminho para assolar a região que se estendia além da cidade. Soube, pelas conversas dos clientes da taberna, que Salm tinha vinte mil lanceiros, dois mil cavaleiros e mil voluntários - estes últimos, todos vienenses - para se oporem às armadas de Suleyman, assim como setenta peças de artilharia: canhões, bombardas e culebrinas.
As notícias sobre as forças militares do Grande Turco gelavam de terror a todos os corações... exceto o de Von Kaimbach. A seu modo, era um fatalista. No entanto, descobriu algo de sua desaparecida consciência no ale; pouco depois, meditava sobre as pessoas a quem aqueles malditos vienenses haviam expulsado e condenado a uma morte atroz. Quanto mais bebia, mais melancólico estava; lágrimas de embriaguez pingavam das pontas de seu bigode caído.
Com um movimento incerto, finalmente se levantou e agarrou a longa espada, com a confusa intenção de desafiar o conde Salm para um duelo, por aquele problema. Acabou, com uns mugidos, com as reclamações inoportunas do taberneiro e saiu à rua, dando tombos. As torres e os campanários se agitavam vertiginosamente diante dos seus próprios olhos. Todo mundo lhe empurrava e lhe lançava para um lado, enquanto corriam em todas as direções. Felipe, O Palgrave, surgiu diante dele com um estalido de armadura; os rostos morenos e delicados de seus espanhóis contrastavam surpreendentemente com os traços duros e corados dos lansquenetes.
- Que vergonha, Von Kaimbach! - disse Felipe, severamente - Os turcos se aproximam e tu escondes o focinho dentro de um copo de ale.
- De que focinhos e de que copos de ale estás falando? - perguntou Gottfried, titubeando e descrevendo um semicírculo errático, enquanto tentava desembainhar a espada - Que o Diabo te leve, Felipe! Vou abrir seu crânio pelo que acabas de dizer...
O Palgrave já havia desaparecido. Gottfried se encontrou finalmente sobre a Torre de Karnthner, ainda que não fosse capaz de lembrar como chegara até ela. O que viu deixou-o imediatamente sóbrio. Os turcos estavam efetivamente às portas de Viena. A planície estava coberta de tendas... trinta mil, afirmavam alguns, jurando que, desde o mais alto do orgulhoso campanário da catedral de Santo Estevão, um homem não podia ver onde terminava o acampamento. Quatrocentos navios otomanos balançavam nas águas do

Danúbio. Gottfried escutou como os homens amaldiçoavam a frota austríaca, ancorada e imóvel, pois seus marinheiros, que já levavam muito tempo sem receber o soldo, haviam se negado a efetuar as manobras de desatraque. Também soube que Salm não havia respondido à oferta de rendição de Suleyman.
Naquele momento, em parte para demonstrar seu poder e em parte para deixar os cáfaros impressionados de terror, o Grande Turco deu ordem a seu exército para pôr-se em marcha. Seus soldados avançavam em colunas fechadas e organizadas, desfilando diante dos muros da antiga cidade, antes de iniciar o ataque propriamente dito. Aquele espetáculo era suficiente para impressionar o mais valente dos homens. O sol, descendo lentamente no horizonte, fazia brilhar os capacetes polidos; as empunhaduras, adornadas de jóias, de seus sabres; as pontas das lanças. Era como se um rio de aço cintilante transbordasse lentamente, de maneira terrível, em frente às muralhas de Viena.
Os akinji, que normalmente formavam a vanguarda do exército, haviam seguido seu caminho. Em seu lugar, cavalgavam os tártaros da Criméia, inclinados em suas selas de empunhaduras pontiagudas e rédeas estreitas. Suas cabeças de gnomo iam protegidas por capacetes de ferro; seus corpos magros revestiam-se com carapaças de bronze e couraças de couro envernizado. Atrás deles, avançavam os azabs, a infantaria irregular, curdos e árabes em sua maior parte, formando um grupo multicolorido e selvagem. Logo, seus irmãos, os delis - os descerebrados -, homens ferozes montados em pôneis robustos, fantasticamente adornados com peles e plumas. Os cavaleiros usavam bonetes e capas de pele de leopardo; os longos cabelos lhes caíam, despenteados e ensebados, sobre os ombros e, por cima das barbas trançadas, brilhavam-lhes uns olhos que mostravam a loucura do fanatismo e do bhang.
Seguia-lhes o grosso do exército. Primeiro, os beys e os emires, com seus próprios homens... cavaleiros e infantes dos feudos da Ásia Menor. Logo, os spahis, a cavalaria pesada, sobre magníficos garanhões. E, por último, a verdadeira força do império turco... a mais terrível organização militar do mundo... os tão temidos e odiados jenízaros.
Os homens lhes cuspiram do alto das muralhas, movidos por fúria sombria, ao reconhecerem neles os membros de sua própria raça. Pois os jenízaros não eram turcos. Salvo algumas exceções - quando pais turcos conseguiam infiltrar seus filhos entre aquelas terríveis legiões para poupá-los da vida extenuante do campo -, aqueles homens eram filhos de cristãos... gregos, sérvios, húngaros... educados desde a infância e instruídos na arte militar para poder engrossar as hostes do Islã. E os jenízaros não reconheciam a outro amo que não fosse o sultão, nem a outro ofício que não fosse massacrar.
Suas feições imberbes contrastavam vivamente com as de seus amos. Muitos tinham os olhos azuis e cabelos loiros. Mas, no rosto de todos eles, se podia ler a implacável ferocidade de sua tarefa... aquela para a qual haviam sido educados. Sob seus mantos de cor azul-escura brilhavam as mais finas cotas-de-malha; muitos deles usavam capacetes de ferro sob seus curiosos chapéus altos e pontiagudos, dos quais pendia uma peça de pano, branca e similar à manga de um vestido, pela qual passava uma argola de cobre. Longas penas de pavão adornavam igualmente os curiosos penteados.
Além das cimitarras, pistolas e adagas, cada jenízaro levava ao ombro um mosquete. Os oficiais levavam ao alcance da mão um pequeno recipiente com brasas, para acender os pavios. Percorrendo aquelas hostes rapidamente, os derviches iam e vinham, vestidos apenas com kalpaks de pele de camelo e estranhas peças de roupa verdes, com pérolas de ébano, exortando os Fiéis. Músicas militares - uma invenção turca - avançavam ao lado das colunas, entre o estalo dos timbais e a melodia dos alaúdes. Por cima daquele oceano que se enfurecia lentamente, pairavam e ondulavam as bandeiras... o estandarte púrpura dos spahis, a bandeira branca dos jenízaros com um sabre dourado de lâmina dupla, e os estandartes com caudas de cavalo dos grandes dignitários: sete o sultão, seis o Grão-Vizir, três o agha dos jenízaros. Suleyman demonstrava sua potência daquela forma, ante os olhares indignados dos cáfaros.
Mas o olhar de Von Kaimbach se fixava em outra coisa: nos grupos que penavam para prepararem a artilharia do sultão. Sacudiu a cabeça, com espanto:
- Cobras, falcões e falconetes! - grunhiu - Onde diabos está toda essa artilharia, da qual o sultão se orgulha?
- No fundo do Danúbio! - respondeu um lanceiro húngaro, com um muxoxo feroz, acompanhado a resposta com uma cuspida - Wulf Hagen conseguiu afundar essa parte da frota do sultão. O resto de sua artilharia real ficou atolado nas planícies, dizem, por causa das chuvas.
Um ligeiro sorriso eriçou os bigodes de Gottfried.
- Qual a promessa que Suleyman fez a Salm?

- Que tomará o café-da-manhã em Viena, depois de amanhã... no dia vinte e nove.
Gottfried sacudiu a cabeça lentamente.

O ASSÉDIO COMEÇOU entre o rosnado dos canhões e os terríveis disparos dos mosquetes. Os jenízaros atacaram as periferias arruinadas da cidade, onde imensos pedaços de parede, ainda em pé, ofereciam um certo abrigo. Pouco depois da aurora, avançaram ordenadamente, protegidos por tropas irregulares e precedidos por uma chuva de flechas incendiárias.
Numas das pequenas torres do muro ameaçado, apoiado na grande espada e retorcendo o bigode, meditativo, Gottfried Von Kaimbach observa como levaram um artilheiro da Transilvânia; seu cérebro escorria por um buraco na têmpora. Um mosquete turco havia falado muito próximo das muralhas.
A artilharia de campanha berrava, como cães de roucos latidos, fazendo voar fragmentos de pedra das trincheiras. Os jenízaros avançavam, punham um joelho na terra, disparavam e recarregavam, enquanto voltavam a avançar. As balas se abatiam nas ameias e ricocheteavam, assobiando raivosas por cima das cabeças dos defensores. Um projétil espatifou-se na cota-de-malha de Gottfried, arrancando-lhe um furioso grunhido. Voltando-se para o canhão cujo utilizador havia sido morto, teve oportunidade de ver uma figura pitoresca e inesperada inclinada sobre a enorme culatra.
Era uma jovem vestida de maneira extraordinária. Mas Von Kaimbach estava acostumado à extravagante indumentária das jovens elegantes do reino da França. Era alta, magnífica e, embora delgada, de uma fortaleza enorme. Por baixo do capacete de aço, escapavam uns cabelos rebeldes que lhe caíam sobre os largos ombros, como uma cascata de ouro avermelhado cintilando ao sol. Altas botas de couro cordovês lhe chegavam até a metade da coxa e nelas levava introduzidas as largas calças. Vestia uma fina couraça anelada, de fabricação turca, enfiada entre as calças. A cintura delgada era envolvida por um largo cinturão de seda verde, no qual levava cruzadas duas pistolas e uma adaga, e do qual pendia um longo sabre de Hungria. Uma capa escarlate pendia indolentemente dos seus ombros.
Aquela surpreendente figura inclinada sobre o canhão estava apontando - com gestos que indicavam algo mais que uma familiaridade passageira - para um grupo de turcos, ocupados em manobrar a coronha de um canhão, para ajustar o tiro.
- Ei, Sonya a Ruiva! - gritou um soldado, agitando a lança - Manda-os para o inferno!
- Confia em mim, camarada! - respondeu a jovem, aproximando o pavio aceso ao orifício da culatra - Embora eu preferisse ter Roxalena como alvo...
Uma terrível detonação cobriu suas palavras; um redemoinho de fumaça cegou a todos que estavam na pequena torre. O terrível coice do canhão, carregado até a boca, lançou sua atiradora para trás. A jovem caiu de costas, mas não tardou a levantar-se como uma mola, para precipitar-se em direção aos mirantes da muralha. Vislumbrou avidamente através das nuvens de fumaça. Quando esta se dissipou, revelou os restos sanguinolentos dos canhoneiros turcos. A enorme bala, maior que a cabeça de um homem, havia se espatifado no centro do grupo que manobrava o falconete. Seus atiradores jaziam ao solo, com o crânio destruído pelo impacto ou o corpo destroçado pelos fragmentos de aço de seu canhão arrebentado. Alegres exclamações se elevaram das largas torres ameadas. A jovem chamada Sonya a Ruiva lançou um berro de sincera alegria e esboçou alguns passos de uma dança cossaca.
Gottfried se aproximou, contemplando com uma admiração indisfarçada o esplêndido movimento dos seios da jovem, sob a leve cota de malha, a curvatura de seus largos quadris e membros perfeitos. Tinha a mesma postura que um homem, orgulhosamente plantada, com as pernas separadas e os polegares enfiados no cinturão. No entanto, tudo proclamava nela se tratava de uma mulher. Pôs-se a rir quando lhe viu. Gottfried notou, cheio de fascinação, as luzes que brilhavam em seus olhos e a cor, que mudava a cada instante. A jovem inclinou-se em direção às mechas rebeldes do cabelo, com uma mão manchada de pólvora. A Von Kaimbach surpreendeu ver a cor clara e rosada da pele dela, onde não estava suja.
- Por quê lamentou não ter Roxalena como alvo? - perguntou.
- Porque essa vadia é minha irmã! - respondeu Sonya.
Naquele momento, um grito poderoso trovejou por cima das muralhas. A jovem se sobressaltou, como uma besta selvagem, e sacou vivamente a espada, como se fosse um longo relâmpago de prata.
- Esse grito! - exclamou - Os jenízaros!
Gottfried se lançou à trincheira. Ele outrora também já havia escutado o terrível grito, capaz

de gelar o sangue, dos jenízaros lançando-se ao ataque. Suleyman estava decidido a não perder tempo com aquela cidade que lhe barrava o avanço a uma Europa indefesa. Tinha em conta derrubar os frágeis muros e apoderar-se de Viena no primeiro assalto. Os bashi-bazouki - as tropas irregulares - morreram como moscas, cobrindo o avanço do grosso da armada. Os jenízaros passaram por cima de seus cadáveres e se lançaram contra Viena. Subiram em assalto, sob o disparo dos canhões e as salvas dos mosquetes, atravessando os fossos com a ajuda de escadas que usavam como pontes. Caíram às centenas ante o fogo cruzado dos canhões vienenses. Mas chegaram ao pé das muralhas. As pesadas balas dos canhões passavam assobiando por cima de suas cabeças, para causarem terríveis perdas na retaguarda de suas forças.
Os mercenários espanhóis, armados com mosquetes, apontavam quase na vertical e cobravam um imenso tributo. Mas, afinal, as escadas foram apoiadas nos muros. Os soldados, dominados por uma loucura sanguinária, começaram a subir cantando até as ameias. As flechas assobiavam, atravessando os defensores. Desde a retaguarda, as peças de artilharia turcas retumbavam, destruindo tanto aliados quanto inimigos. Gottfried, protegendo-se atrás de uma ameia, foi derrubado por um súbito e terrível impacto. Uma bala havia batido diretamente na ameia, matando repentinamente meia dúzia de defensores. Gottfried levantou-se, meio atordoado, entre os cadáveres. Viu uma multidão humana, que subia em assalto as muralhas, faces gesticulantes e exaltadas de olhos brilhantes como os de um cão raivoso, e sabres tão cintilantes quanto os raios do sol em um lago. Separando as pernas e plantando solidamente os pés no solo, agitou a pesada espada e brandiu-a violentamente. Lhe sobressaía a mandíbula crispada, tinha o bigode eriçado pela ira. A lâmina, de um metro e meio de comprimento, afundou capacetes de aço e crânios, atravessou escudos e ombreiras de ferro. Os homens caíram das escadas, com os dedos inertes escorregando pelas traves ensangüentadas.
Mas, de ambos os lados, penetravam pelo buraco. Um grito terrível anunciou que os turcos haviam chegado ao muro. Mas nenhum homem se atreveu a abandonar seu posto para dirigir-se ao local ameaçado. Os surpresos defensores tinham a impressão de que Viena estava cercada por um cintilante e agitado oceano trovejante, que às vezes subia para inundar os muros condenados.
Recuando para não ser cercado, Gottfried grunhia e golpeava à direita e esquerda. Seus olhos já não estavam velados; ardiam sinistramente, como carbúnculos. A seus pés jaziam três jenízaros; sua espada zumbia, enfrentando uma floresta de cimitarras. Um corte resvalou sobre seu quadril, enchendo o seu olhar com trevas flamejantes. Cambaleando, contra-atacou e sentiu que sua enorme espada cortava e rompia ossos. O sangue lhe escorregava pela mão e teve que arrancar a lâmina com um brutal movimento de torção. Um rigoroso berro retumbou e alguém correu a seu lado. Escutou o retinir das cotas de malha, ao receber o impacto de um sabre brilhante, como um raio de prata, que golpeava diante dele.
Era Sonya a Ruiva, que vinha lhe socorrer. Lutava tão feroz e perigosamente quanto uma pantera. Seus ataques sucediam-se tão rapidamente que o olhar não era capaz de seguí-los; sua espada criava raios de fogo branco e os homens desmoronavam, como cereais ceifados pela foice de um camponês. Lançando um rugido surdo, Gottfried se pôs ao lado dela, violento e coberto de sangue, movimentando a espada. Diante daquele irresistível ataque, os muçulmanos tiveram que recuar. Vacilaram por um instante, na beirada do parapeito, e logo saltaram para as escadas e caíram, uivando ao vazio.
Um rio de blasfêmias saía dos lábios de Sonya. Ria selvagemente, enquanto seu sabre cantava e atravessava os corpos, fazendo uma maré de sangue correr sobre as pedras. O último turco que ficou na muralha lançou um grito e deteve um golpe, quando Sonya deu-lhe um terrível corte. Soltando a cimitarra, as mãos do homem agarraram-se desesperadamente à lâmina da espada de Sonya, gotejante de sangue. Com um gemido, o homem vacilou na borda do parapeito; o sangue escorria em jatos dos dedos horrivelmente rasgados.
- Ide ao Inferno, tu e tua alma de cão! - disse a jovem, rindo - Que o Diabo te dê de comer!
Com um hábil giro e um movimento brutal, libertou a espada, cortando os dedos do desgraçado. Com um lamento surdo, o muçulmano caiu de costas para o vazio, de ponta-cabeça.
Os jenízaros recuaram desordenadamente. As peças de artilharia, que haviam se calado enquanto se lutava nas muralhas, voltaram a deixar ouvir sua canção. Os espanhóis, postando-se nas ameias, responderam ao fogo com seus próprios mosquetes.
Gottfried aproximou-se de Sonya a Ruiva. Blasfemando em voz baixa, a jovem limpava seu sabre.
- Por Deus, garota! - disse Von Kaimbach, estendendo a mão sólida até ela - Se não tivesse

intervindo em minha ajuda, creio que esta noite eu teria jantado no Inferno! Te agradeço por...
- Agradeça ao Diabo! - respondeu Sonya com um tom áspero, afastando-lhe a mão com um golpe seco - Os turcos já haviam subido o muro. Não pense que arrisquei minha vida para salvar a tua, colega!
Logo, virando-se com desprezo, movendo alvoroçadamente as dobras da capa, se afastou com passadas largas e abandonou as muralhas, respondendo blasfema e decididamente às piadas dos soldados. Gottfried a viu afastar-se, com o olhar confuso. Um outro homem lhe deu uma palmada amigável no ombro:
- Essa garota é um verdadeiro demônio. Pelos cravos de Cristo, é capaz de tirar de baixo da mesa o mais duro beberrão e blasfema melhor que um espanhol! Não é o que se poderia chamar de uma dona-de-casa! Atacar, combater, matar... isso é o que mais lhe satisfaz no mundo!
- Mas quem é, em nome do Diabo? - rugiu Von Kaimbach.
- Sonya, a Ruiva de Rogatino... é o que sabemos. Anda e luta como um homem... Só Deus sabe por quê. Jura que é a irmã de Roxalena, a favorita do sultão. Se os tártaros que raptaram Roxalena tivessem levado Sonya em seu lugar, por São Pedro!... Suleyman não poderia imaginar-se com ela. Deixe-a quieta, companheiro, é uma gata selvagem! Vamos beber umas jarras de ale!
Convocados pelo Grão-Vizir, os jenízaros tiveram que explicar por que razão o ataque, quando o muro havia sido alcançado num trecho, havia fracassado. Juravam que haviam tido que enfrentar um demônio, na forma de uma mulher de cabeleira ruiva, ajudada por um gigante de malha enferrujada.
Ibrahim deixou de lado a descrição da mulher; mas a descrição do homem despertou uma lembrança meio esquecida em sua mente. Após despedir os soldados, mandou chamar o tártaro Yaruk Khan e lhe mandou buscar Mikhal Oglu - que se encontrava na região próxima -, para que lhe perguntassem por quê não havia feito chegar à tenda real uma certa cabeça.
Suleyman não tomou o café-da-manhã em Viena na manhã do dia vinte e nove. Se encontrava nas alturas de Semmering, diante do seu esplêndido pavilhão cheio de pináculos dourados, com sua guarda pessoal formada por quinhentos solaks, observando como suas peças de artilharia davam suaves bicadas contra os débeis muros. Via que suas tropas irregulares perdiam a vida e entupiam os fossos. Os escavadores cavavam a terra como se fossem toupeiras, colocando minas e contra-minas cada vez mais perto dos bastiões.
Na cidade, os assediados não tinham nenhum instante de repouso. As muralhas estavam, dia e noite, sempre cheias de homens. Nas covas, os vienenses vigiavam as ligeiras vibrações de umas ervilhas colocadas sobre tambores, para descobrir os trabalhos de escavação dos turcos, que cavavam sob seus muros para colocarem as minas. Assim informados, colocavam suas contra-minas, conseqüentemente. Os homens não combatiam sob a terra menos ferozmente que sobre ela.
Viena era uma ilha cristalina num mar de infiéis. Noite após noite, os habitantes contemplavam o horizonte em chamas, enquanto os akinji saqueavam e devastavam o martirizado país. De vez em quando, chegavam notícias do mundo exterior... sempre levadas por escravos fugitivos que se refugiavam na cidade. E sempre eram para informar-lhes de novas atrocidades. Na Alta Áustria, não restava um terço da população viva; Mikhal Oglu estava se excedendo. E se dizia que buscava a alguém em particular. Seus assassinos lhes levavam as cabeças cortadas dos homens para logo empalá-las diante de sua tenda. Mirava avidamente os terríveis restos e, logo, com demoníaca desaprovação, despedia a seus carniceiros, encarregando-lhes da missão de novos horrores.
Aqueles relatos, em vez de aterrorizar e paralisar os austríacos, lhes inflamava, lhes galvanizava e lhes enchia de uma fúria louca, nascida do desespero. As minas saltavam e abriam novas brechas, e os muçulmanos voltavam a se lançar em assédio. Mas todas as vezes, os valorosos cristãos chegavam às fendas dos muros antes que eles. E, na furiosa luta corpo-a-corpo, com a loucura das feras selvagens, faziam pagar parte da dívida sangrenta que com eles tinham os turcos.
Setembro declinou lentamente e deu lugar a outubro. As lâminas amarelaram na Wiener Waid; os ventos começaram a soprar, carregando os primeiros frios. À noite, os sentinelas tremiam de frio no alto das muralhas, ao sentirem a mordida do gelo. Mas as tendas continuavam cercando a cidade e Suleyman continuava instalado em seu magnífico pavilhão, mirando fixamente o frágil obstáculo que obstruía todos os seus desejos imperiais. Ninguém, exceto Ibrahim, se atrevia a falar com ele. Seu humor era tão sombrio quanto as noites frias que desciam insidiosamente das colinas. O vento que gemia no exterior de sua tenda era como um canto fúnebre para suas ambições de conquistador.

Ibrahim lhe observava atentamente. Após um assalto inútil, que durara do amanhecer até o meio-dia, chamou os jenízaros e mandou-lhes que se retirassem às casas em ruínas para que descansassem. Logo, encarregou um arqueiro de disparar uma flecha a um determinado bairro da cidade, onde certas pessoas esperavam exatamente aquele feito.
Naquele dia, não houve novos ataques. As peças de artilharia, que haviam batido à Porta de Karnthner durante dias, foram deslocadas e apontadas ao norte, para martelar sobre o burgo. Quando um assalto parecia iminente naquela parte do muro, a maior parte dos defensores era enviada para lá. Mas o novo ataque não teve lugar; no entanto, os canhões, hora após hora, continuavam trovejando. Fosse qual fosse a causa, os soldados deram graças aos céus por aquela trégua. Titubearam de fadiga, esgotados pela falta de sono e exasperados pelas numerosas feridas.
Chegou a noite. A praça maior, o mercado de Am-Hof, era uma efervescência de soldados observados com inveja pelos habitantes da cidade. Acabavam de descobrir uma importante reserva de vinho nas covas de um rico mercador judeu. O judeu esperava triplicar seus lucros quando já não restasse nenhuma gota de álcool. Seus oficiais, homens quase meio-loucos, faziam rodar os barris pela praça e logo os abriam. Salm desistiu de intervir pra evitar aquela bebedeira geral. A embriaguez é preferível, sussurrou o velho soldado. Pelo menos, os homens não cairiam ao chão vencidos pelo esgotamento. Pagou ao judeu com seus próprios ducados. Os soldados desceram das muralhas como formigas, para beberem até se fartarem.
À luz das tochas e braseiros, em meio aos gritos e canções dos soldados totalmente bêbados - às quais, intermitentemente, um canhão fazia de coro -, Von Kaimbach afundou o capacete num barril e o retirou, cheio até a beirada e gotejante. Afundando o bigode no precioso líquido, se imobilizou quando seus olhos já turvos, por cima da borda do capacete, posaram numa figura orgulhosamente parada, no outro lado do tonel. Uma expressão de ressentimento se esboçou em seu rosto. Sonya a Ruiva já havia feito as honras da casa a mais de um barril. Levava o capacete inclinado por cima dos cabelos rebeldes, andava mais altiva que nunca e seu olhar era mais zombeteiro que em outras ocasiões.
- Há! - gritou depreciativamente - Mas se não é o matador de turcos que afunda o nariz numa jarra de vinho, como sempre! Que o Diabo leve a todos os sedentos!
Dando prova de perfeito juízo, afundou, no líquido púrpura, um jarro com pedras preciosas incrustadas e o esvaziou de um trago. Gottfried ficou amargurado. Já tinha tido uma acalorada discussão com a jovem; o desprezo dela lhe havia ferido o amor-próprio.
- Por quê haveria sequer de te olhar, com a bolsa vazia e essa couraça enferrujada... - zombara a jovem, no dia anterior - Quando Paul Bakics está louco por mim? Deixa-me em paz, barril de cerveja, tonel de vinho!
- Vai-te ao Diabo! - respondera Von Kaimbach - Mesmo que sua irmã seja amante do sultão, não tens porquê se mostrar tão arrogante...
Ao ouvir aquelas palavras, Sonya tivera um terrível acesso de cólera. Afastaram-se, dirigindo-se imprecações recíprocas. Neste momento, e a julgar pelo brilho de seus olhos, Gottfried se deu conta de que a jovem tinha intenção de tornar-lhe a situação muitíssimo mais desagradável.
- Imbecil! - grunhiu Von Kaimbach - Vou te afogar neste barril!
- Ah, não, tu te afogarás primeiro, bêbado! - gritou a jovem, soltando uma brutal gargalhada - Que lástima que não seja tão valente diante dos turcos, como o é diante de um barril de vinho!
- Oxalá te devorem os cães do inferno, sua raposa! - rugiu - Como vou esmagar seus crânios, quando nem sequer atacam, e basta-lhes disparar os canhões? Quer que eu tire a adaga do alto da muralha?
- Só debaixo da muralha, há milhares. - respondeu Sonya, com a loucura gerada tanto pela bebida quanto por sua natureza exaltada - Só precisa ter estômago suficiente para ir até eles!
- Por Deus! - disse o gigante, louco de raiva, sacando a espada - Nenhuma jovem estúpida me trata de covarde, bêbado ou não! Vou sair a buscá-los, mesmo que tenha de ir só!
Um forte clamor seguiu seu bramido. A multidão, dominada pela bebida, estava disposta a uma atitude tão insensata quanto aquela. Os tonéis quase vazios foram derrubados, quando os soldados desembainharam as espadas desajeitadamente e dirigiram-se, cambaleantes, até as portas da cidade.
Wulf Hagen abriu caminho entre eles, distribuindo socos a torto e a direito.
- Detenham-nos! - rugiu - Bando de bêbados! Imbecis! Não vão sair nesse estado! Parad...!
Derrubaram-lhe e lançaram-lhe violentamente para um lado, para seguirem avançando, como uma torrente cega e privada de razão.

* * *

O amanhecer começava a se manifestar pelas colinas do leste. Um tambor começou a soar em alguma parte do estranhamente silencioso acampamento turco. Os sentinelas otomanos arregalaram os olhos e descarregaram os mosquetes para alertarem o acampamento, aterrorizados pela horda de cristãos - uns oito mil - que lançava violentamente a ponte levadiça, brandindo as espadas e as jarras de ale. Enquanto atravessavam os fossos, com os lábios espumantes, uma enorme explosão dominou o estampido. Uma parte do muro, muito próxima da Porta de Karnthner, pareceu separar-se e começar a voar pelos ares. Um imenso clamor se elevou do acampamento turco; mas os atacantes não se deteram. Dirigiram-se impetuosamente aos subúrbios da cidade. Lá, avistaram os jenízaros, não recém-saídos de um sono pesado, mas vestidos e armados, em pé, alinhados ordenadamente antes de atacar. Sem vacilar, lançaram-se contra as filas meio formadas dos turcos. Embora muito inferiores, sua fúria, devido à embriaguez, e sua rapidez foram irresistíveis. Diante dos machados que se abatiam loucamente e aquelas espadas que rasgavam de um modo selvagem, os jenízaros assombrados, recuaram em debandada. Os arredores da cidade se transformaram num verdadeiro matadouro. Os homens, na luta corpo-a-corpo, cortavam e talhavam, tropeçando nos cadáveres mutilados e nos membros decepados. Suleyman e Ibrahim, do alto de Semmering, assistiam à fuga dos invencíveis jenízaros, que corriam sem controle até as colinas.
No interior da cidade, os defensores trabalhavam freneticamente para reparar a grande brecha que a misteriosa explosão havia aberto no muro. Salm dava graças ao céu por aquela saída insensata. Sem aqueles bêbados, os jenízaros teriam penetrado pela brecha, antes mesmo que a poeira baixasse.
O campo turco era presa da maior das confusões. Suleyman correu até seu cavalo e gritou suas ordens aos spahis, guiando o trabalho pessoalmente. Formaram os esquadrões e logo desceram as colinas em perfeita formação. Os soldados cristãos, que continuavam perseguindo a seus inimigos em debandada, perceberam subitamente o perigo que lhes ameaçava. Os jenízaros não deixavam de correr, mas, vinda dos flancos, caía sobre eles a cavalaria que lhes impediria qualquer meio de escape. O medo substituiu a temeridade causada pela embriaguez. Começaram a retirar-se. A retirada se transformou em correria. Lançando gritos de pânico, arremessaram as armas e começaram a correr até a ponte levadiça. Os turcos seguiram-nos até os fossos, e logo tentaram persegui-los pela ponte levadiça até as portas, que haviam sido abertas para receber os fugitivos. Sobre o planalto, Wulf Hagen e seus homens enfrentaram os perseguidores e fugiram como demônios, impedindo-lhes o avanço. A maré de fugitivos entrou com o grau de perfeição de Wulf Hagen, correndo até a segurança. A cavalaria turca caiu sobre ele como uma onda vermelha. O gigante recoberto de ferro foi devorado por um oceano de lanças.
Gottfried Von Kaimbach não desejava abandonar o campo de batalha. Mas, apesar de seus amargos juramentos, foi arrastado por seus companheiros. Tropeçou e caiu; seus camaradas, dominados pelo pânico, lhe pisotearam na corrida até a ponte. Quando deixou de sentir as pisadas, levantou a cabeça e viu que se encontrava perto do fosso. Estava cercado pelos turcos; todos os seus companheiros haviam fugido. Levantando-se, correu pesadamente até os fossos e afundou na água, contra todo prognóstico, enquanto via por cima do ombro como um muçulmano se lançava atrás dele.
Voltou à superfície, cuspindo e debatendo-se, e dirigiu-se à margem oposta, chutando e levantando tanta espuma quanto um búfalo. O sanguinário muçulmano ia atrás dele... um corsário dos Estados berberes, tão seguro na água quanto em terra firme. O obstinado germano não havia soltado a espada, e a couraça lhe atrasava. No entanto, foi capaz de chegar à margem, à qual se agarrou sem forças e incapaz de defender-se. O corsário berbere, como uma tromba d'água, chegou até ele, com uma adaga cintilando por cima do ombro nu. Mas alguém, a seu lado, lançou uma sonora maldição. Uma mão delicada apontou uma pistola ao rosto do homem. O árabe (2) começou a berrar, quando soou o disparo; a cabeça desapareceu, transformada numa massa de tiras vermelhas. Outra mão, fina porém vigorosa, agarrou o germano pela parte de trás da couraça, antes que ele afundasse no lodo.
- Sobe à margem, beberrão! - rangeu uma voz deformada pelo esforço - Não posso te levantar se não me ajuda um pouco... Deve pesar uma tonelada!
Soprando, sufocado e debatendo-se na margem, Gottfried conseguiu sair do fosso, em parte por si só e em parte graças à ajuda recebida. Manifestou seus desejos de deitar-se com a boca pra baixo para jogar toda a água que havia engolido, mas seu salvador lhe incitou a

levantar-se o quanto antes.
- Os turcos começam a cruzar a ponte e nossos companheiros vão fechar a porta em nossos narizes... depressa, senão estaremos perdidos!
Quando cruzaram a porta, Gottfried olhou a seu redor como se despertasse de um sonho.
- Onde está Wulf Hagen? Eu o vi defender valorosamente a ponte, há alguns instantes.
- Está morto. Jaz rodeado por vinte cadáveres turcos. - lhe respondeu Sonya a Ruiva.
Gottfried sentou-se sobre os escombros de um muro derrubado. Impressionado, esgotado e ainda atordoado pelos vapores do álcool e pela fúria guerreira, afundou o rosto nas enormes mãos e começou a soluçar. Sonya, com ar visivelmente aborrecido, lhe deu um pontapé.
- Em nome de Satanás, camarada, não fique aí sentado feito um estudante que acabou de levar um açoite. Você e todo esse bando de bêbados se comportaram como um grupo de imbecis, mas já é tarde para remediar. Vem, vamos beber umas jarras de ale na taberna.
- Por quê me tirou do fosso? - perguntou Gottfried.
- Porque um tipo como você não é capaz de sair sozinho de seus próprios problemas. Me dei conta, já faz tempo, que precisas de alguém experiente, como eu, para manter viva a sua velha pele.
- Mas pensei que você me desprezasse!
- Bom, acaso uma mulher não tem direito de mudar de opinião? - respondeu Sonya, secamente.
Desde as muralhas, os lanceiros rechaçaram os enfurecidos muçulmanos e lhes expulsaram da fenda meio reparada. No pavilhão real, Ibrahim explicava a seu amo que o Diabo havia inspirado, sem a menor dúvida, aquela saída de soldados bêbados no momento exato para arruinar os planos tão cuidadosamente preparados pelo Grão-Vizir. Suleyman, louco de raiva, dirigiu-se a seu amigo com voz cortante pela primeira vez na vida:
- Não. Tens fracassado. Acabemos com suas intrigas. Ali, onde a astúcia tem se mostrado vã, a força bruta prevalecerá. Envia um mensageiro aos akinji; sua presença é necessária para substituir os que caíram. Ordene que os exércitos ataquem de novo.
Os assaltos precedentes não foram nada, comparados com a tormenta que abateu-se naquele momento sobre as cambaleantes muralhas de Viena. Dia e noite, os canhões trovejavam e soltavam chamas. As bombas explodiam nos tetos das casas e nas ruas. Não havia quem pudesse substituir os que morriam nas muralhas. O espectro da fome espreitava nas ruas. O medo da traição se arrastava pelos becos como se fosse uma capa sombria. Minuciosas investigações permitiram determinar que a carga de explosivos que destruíra em parte o muro de Karnthner, não havia sido obra dos escavadores turcos. Instalara-se uma quantidade considerável de pólvora sob o mesmo muro, numa galeria escavada desde uma cova cuja localização se ignorava, no interior da cidade. Um ou dois homens, trabalhando secretamente, seriam suficientes para colocar a mina. Ficava evidente que o bombardeio intensivo do Burgo estava destinado unicamente a desviar a atenção do muro de Karnthner, para permitir aos traidores trabalharem sem correr o risco de ser descobertos.
O conde Salm e seus oficiais faziam frente a uma tarefa de Titãs. O velho comandante, dando provas de uma energia sobre-humana, subia às muralhas, estimulava os homens desmoralizados (3), socorria os feridos, combatia ao lado dos soldados mais simples, enquanto a Morte golpeava implacavelmente.
Mas, se a Morte jantava nas muralhas, também jantava na planície. Suleyman conduzia seus homens ao assalto, tão implacavelmente como se estivesse diante do seu pior inimigo. A peste estava entre eles, pois a planície devastada não produzia nada para comer. Os ventos frios desciam uivando dos Cárpatos e os soldados se limitariam a seus adornos orientais. Durante as noites geladas, as mãos dos sentinelas se congelavam e o frio lhes maltratava os dedos nos canhões e mosquetes. O solo ficou duro como pedra; os escavadores sofriam para poder cavar com as ferramentas cegas. A chuva, misturada com granizo, caía, apagando as velas, molhando a pólvora, transformando a planície que cercava a cidade num buraco enlodado, no qual o odor dos cadáveres em decomposição dava náuseas aos vivos. Suleyman tremia, como se estivesse sendo dominado pela febre, enquanto passeava o olhar pelo acampamento. Via seus guerreiros esgotados e intratáveis, arrastando-se pela planície de barro. Pareciam fantasmas sob um lúgubre céu de chumbo. O fedor dos soldados mortos - que se podia contar aos milhares - chegava até suas narinas. Naquele exato momento, o sultão teve a impressão de contemplar uma planície recoberta de mortos, onde os cadáveres de corpos sem vida se dedicassem a alguma tarefa inútil, deslocando-se lentamente, animados somente pela vontade inexorável de seu amo. Durante um momento, o tártaro - a herança de seus antepassados - dominou o turco. Tremeu de medo. Logo, suas finas mandíbulas contraíram-se. Os muros de Viena cambaleavam vertiginosamente, estragados e fendidos em uns vinte lugares. Por quê ainda resistiam?

- Toque de assalto. Trinta mil aspros ao primeiro homem que chegar às muralhas!
O Grão-Vizir abriu os braços, num gesto de impotência.
- Nossos soldados têm perdido sua valentia. Já não conseguem suportar as inclemências deste país gelado.
- Pois que os enviem aos pés das muralhas a chicotadas! - respondeu Suleyman, com um tom feroz - Essa cidade é a porta que abre o Frankistan. É o último obstáculo para meus sonhos de império. Devemos nos apoderar dela. Só assim teremos o caminho livre!
Os tambores começaram a retumbar por todo o acampamento. Os extenuados defensores da Cristandade se ergueram e empunharam as armas, galvanizados, compreendendo instintivamente que o momento do combate decisivo havia soado.
Os oficiais do sultão conduziram as hostes muçulmanas até os mosquetes que rugiam e às espadas dispostas a golpear. Os chicotes estalavam e os homens uivavam e blasfemavam de um lado a outro da linha de batalha. Exasperados, subiram em assalto às muralhas meio derrubadas, coalhadas de imensas brechas, mas, no entanto, ainda capazes de proteger homens decididos. Carga após carga, os turcos lançaram-se contra a cidade, cobriram os fossos, estatelaram-se contra as muralhas meio caídas. Todas as vezes recuaram, deixando pilhas de mortos atrás deles. A noite caiu, mas passou inadvertida. No meio das trevas, iluminadas por relâmpagos do canhão e o brilho das tochas, a batalha continuou. Impelidos pela terrível vontade de Suleyman, os atacantes lutaram durante a noite inteira, sem obedecer à tradição muçulmana.
A aurora foi como a do Armagedon. Diante dos muros de Viena, se estendia um tapete de mortos vestidos com aço. Suas plumas ondulavam ao vento. E, entre os cadáveres, titubeavam os atacantes, com os olhos afundados, para lutar corpo-a-corpo contra os tenazes defensores.
As ondas de aço golpeavam e se arrebentavam, e voltavam a se arrebentarem, até que os próprios deuses ficassem estupefatos ante a tenacidade daqueles homens, por sua indiferença diante dos sofrimentos ou da morte. Era o Armagedon das raças... Ásia contra Europa. Ao redor das muralhas, agitava-se um oceano tumultuoso de rostos orientais... turcos, tártaros, curdos, árabes, corsários berberes... grunhindo, berrando e morrendo sob as trovejantes salvas dos mosquetes dos espanhóis, as lanças dos austríacos, os golpes dos lansquenetes germanos que manejavam suas espadas de lâmina dupla como se fossem foices. Mas, os que defendiam os muros não eram mais valorosos que os que se lançavam ao ataque, tropeçando em seus próprios mortos.
Para Gottfried Von Kaimbach, a vida havia se reduzido a uma coisa apenas: subir e descer a pesada espada. Defendendo a extensa brecha próxima à Torre de Karnthner, lutou até que o Tempo perdeu todo seu significado. Durante longos séculos, rostos raivosos surgiram diante dele, gesticulantes, caras de demônios; as cimitarras cintilavam eternamente ante seu olhar. Não sentia os ferimentos, nem a extrema fadiga. Ofegando em meio à poeira sufocante, cego pelo suor e pelo sangue, entregava à Morte seu rubro tributo, notando apenas que, a seu lado, uma figura esbelta como uma pantera descia a arma e golpeava... no início com risadas, imprecações e cantos... logo, em meio a um opressivo silêncio.
Sua identidade como indivíduo desapareceu naquele cataclismo de aço. Por um momento, teve vaga consciência de que o conde Salm, que lutava próximo a ele, era mortalmente alcançado por uma bomba que explodiu no parapeito. Não se deu conta que a noite deslizava insidiosamente sobre as colinas, nem percebeu até o final que a maré de atacantes vacilava, diminuía e logo se retirava. Só se deu conta, de maneira confusa, que Nikolás Zrinyi lhe apartava da brecha cheia de cadáveres, dizendo-lhe:
- Em nome de Deus, camarada, vá dormir um pouco. Nós os rechaçamos... ao menos por enquanto.
Descobriu que andava por uma rua estreita, tortuosa, escura e remota. Não tinha a menor idéia de como havia chegado até lá. Parecia lembrar vagamente de uma mão que se apoiava em seu ombro, sustentando-o e guiando-o. Sentia o peso da armadura em seus ombros exaustos. Não saberia dizer se o ruído que ocupava seus ouvidos era o rugido de um canhão ou o sangue que lhe latejava nas têmporas. Tinha a impressão de que devia começar a procurar alguém... alguém que lhe importava muito. Mas, em seu espírito, não havia outra coisa além de confusão. Em algum lugar, em algum momento - parecia tão distante -, um golpe havia lhe atingido o capacete. Enquanto se esforçava para raciocinar, pareceu sentir novamente o impacto daquele golpe terrível, e foi dominado pela vertigem. Tirou o capacete amassado e o atirou aos paralelepípedos da ruela.
A mão voltou a puxar-lhe o braço. Insistentemente, uma voz lhe suplicou:
- Vinho, senhor... beba, beba!
Se deu conta vagamente de uma delgada silhueta, revestida com uma negra couraça, que

lhe estendia um copo. Com uma exclamação áspera, o tomou e afundou a cara no líquido, bebendo-o como um homem que morre de sede. Algo explodiu em seu cérebro. A noite encheu-se com um milhão de relâmpagos brilhantes, como se uma pólvora tivesse explodido em sua cabeça. Logo, chegaram as trevas e o esquecimento.
Recobrou lentamente os sentidos, consciente de uma sede torturadora, uma violenta dor de cabeça e um extremo cansaço que parecia paralisar-lhe os membros. Tinha os pés e os pulsos fortemente amarrados; estava amordaçado. Torcendo a cabeça para os lados, viu que se encontrava numa pequena habitação, simples e poeirenta, da qual partia uma escada espiralada, feita de pedra. Deduziu que se encontrava na parte inferior de uma torre.
Dois homens se inclinavam sobre uma mesa de feitio tosco, na qual haviam colocado uma vela, cheia de fuligem. Os dois eram esguios e tinham o nariz aquilino; vestiam trajes negros... asiáticos, sem sombra de dúvida.
Gottfried estava atento à conversa em voz baixa que mantinham. Havia aprendido numerosos idiomas ao longo de suas correrias. E pôde reconhecer os dois homens... Tshoruk e seu filho, Rhupen, comerciantes armênios. Lembrou que tinha visto Tshoruk muito freqüentemente ao longo da semana anterior... de fato, desde o dia em que os bombardeios de Suleyman apareceram no campo de batalha. Evidentemente, o mercador seguira-o como uma sombra por alguma razão desconhecida. Tshoruk estava lendo o que escrevera num pedaço de pergaminho.
- Meu senhor, embora tenha saltado o muro de Karnthner num momento pouco propício, tenho, no entanto, boas notícias para dar-te. Meu filho e eu capturamos o germano Von Kaimbach. Enquanto se afastava das muralhas, esgotado pelos combates, o seguimos e logo o guiamos sutilmente até a torre em ruínas, no lugar que tu já conheces. Fizemos-no beber um vinho drogado e o amarramos convenientemente. Que meu senhor envie o emir Mikhal Oglu até o muro que ergue-se perto da torre e o colocaremos em tuas mãos. Vamos atá-lo à antiga ameia e jogá-lo por cima do muro como se fosse um tronco.
O armênio tomou uma flecha e começou a enrolar o pergaminho ao redor da haste. O amarrou com um delgado fio de prata.
- Suba ao teto e dispare a flecha em direção às peles, como de costume - ele dizia a seu filho Rhupen, quando este, interrompendo-lhe, falou:
- Escute! - e ambos se deteram. Seus olhos brilhavam como os das bestas daninhas caídas numa armadilha... temerosos, porém vingativos.
Gottfried conseguiu fazer a mordaça escorregar, com movimentos da boca. Ouviu uma voz familiar, que lhe chamava de fora.
- Gottfried! Onde diabos está você?
Von Kaimbach lançou um rugido de leão.
- Ei, Sonya! Em nome do Diabo! Fique atenta...!
Tshoruk grunhiu como um lobo e lhe golpeou selvagemente a cabeça com o punho de uma cimitarra. Quase imediatamente, a porta desmoronou e se estilhaçou em pedaços. Como num sonho, Gottfried viu a silhueta de Sonya, a Ruiva, destacando-se na moldura da porta, empunhando uma pistola. Tinha aspecto duro e anti-social; seus olhos ardiam como brasas. Havia perdido o capacete e também o manto escarlate. Sua cota-de-malha estava esfarrapada e cheia de manchas escuras, as botas arranhadas, as calças de seda rasgadas e cobertas de sangue.
Tshoruk grasnou e se lançou contra ela, brandindo a cimitarra. Antes que pudesse golpear, Sonya a Ruiva bateu o cano da pistola vazia contra o crânio do armênio, que caiu como um boi. Do outro lado, Ruphen tentou apunhalá-la com uma adaga turca de lâmina curva. Largando a pistola, Sonya a Ruiva agarrou o jovem oriental pelo antebraço. Atuando como num sonho, obrigou irresistivelmente o seu adversário a recuar, com uma mão no pulso e a outra na garganta. Enquanto lhe estrangulava lentamente, golpeou a cabeça do jovem armênio contra o muro várias vezes... de maneira implacável. Os olhos de Ruphen não demoraram em convulsionarem-se, e seu olhar vitrificou. Soltou-lhe como se fosse um fardo e o mercador ficou estendido, de corpo inteiro, no solo, imóvel.
- Viva Deus! - murmurou com voz áspera.
Sonya a Ruiva vacilou por alguns instantes no centro da moradia, levando as mãos às têmporas. Logo, aproximou-se de Gottfried e, deixando-se cair de joelhos, começou a cortar-lhe as amarras. Seus gestos eram rudes e a faca cortou tanto as ataduras quanto a pele do germano.
- Como conseguiu me achar? - perguntou enquanto se levantava, ainda atordoado. Sonya a Ruiva cambaleou até a mesa e deixou-se cair sobre uma das cadeiras. Havia um jarro de vinho perto de seu cotovelo. O pegou avidamente e o bebeu de um gole. Limpou a boca com a manga da jaqueta e, em seguida, percebeu em Gottfried um ar de cansaço. Mas, todavia,

não demorou muito em recuperar seu vigor.
- Te vi deixar as muralhas e lhe segui. Estava tão esgotada pela batalha, que só me dava conta do que fazia. Vi como esses cães lhe seguravam pelo braço e lhe levavam pelas ruelas desertas. Logo, deixei de vê-lo. Mas encontrei seu capacete, atirado na rua. Comecei a lhe chamar. Que diabos significa tudo isto?
Tomou a flecha abandonada sobre a mesa, e seu olhar arregalou-se ao ver o pedaço de pergaminho, atado à haste. Evidentemente, era capaz de decifrar a escrita turca; todavia, teve que ler a mensagem meia dúzia de vezes, antes que sua mente, atordoada pelo cansaço, descobrisse o que significava. Seu olhar se dirigiu imediatamente - e perigosamente - aos homens que estavam no chão. Tshoruk estava recobrando-se e meio se sentou, ainda atordoado. Apalpou delicadamente a ferida no couro cabeludo. Rhupen estava estendido no chão, vomitando e gemendo.
- Amarre-os, companheiro. - ordenou Sonya a Ruiva; e Gottfried obedeceu.
Os dois armênios se deixaram atar as mãos sem dizer uma palavra. Pareciam aterrorizados pela presença de Sonya a Ruiva.
- Esta missiva está dirigida a Ibrahim, o Grão-Vizir. - disse bruscamente a jovem - Por quê ele quer a cabeça de Gottfried?
- Por um ferimento que ele fez no sultão, em Mohacs. - murmurou Tshoruk, desassossegado.
- E foste tu quem fez atravessar a mina sob o muro de Karnthner. - declarou Sonya a Ruiva, com um sorriso sem alegria - Tu e teu infame rebento... vós sois os traidores que buscávamos! São piores que cachorros!
Do cinturão sacou uma pistola e carregou-a.
- Quando Zrinyi estiver a par de tudo isto... - continuou - Teu fim não será doce nem rápido. Mas primeiro, porco velho, terei o prazer de estourar os miolos do teu filho... diante de seus próprios olhos...
O velho armênio lançou um grito estrangulado.
- Deus dos meus ancestrais, piedade! Mate-me, torture-me... mas perdoa o meu filho!
Naquele instante, um novo ruído rasgou o silêncio anormal... uma grande manifestação de algo aos quatro ventos.
- O que é isso? - rugiu Gottfried, levando a mão à bainha vazia.
- Os sinos de Santo Estevão! - gritou Sonya a Ruiva - Proclamando nossa vitória!
Lançou-se à escada tortuosa. Gottfried seguiu-a até o alto dos perigosos degraus. Saíram num teto meio arruinado e com numerosos buracos. Na parte mais sólida, havia uma antiga máquina de guerra que servia para lançar pedras, uma relíquia dos tempos passados. Era evidente que havia sido consertada há não muito tempo.
A torre dominava um ângulo da muralha no qual não havia vigilantes. Uma placa de muro antigo, um fosso e um declive natural daquele terreno faziam dele um lugar quase invulnerável.
Os espiões podiam trocar mensagens dali, sem grande risco de serem descobertos, e era fácil entender por qual meio. Na parte baixa da ladeira, erguia-se um enorme conjunto de mantas, formado por peles de touro armadas sobre uma estrutura de madeira e que parecia abandonado ao azar. Gottfried compreendeu que as flechas com mensagens eram disparadas até aquelas mantas.
No momento, todavia, não deu importância àquele assunto. Toda a sua atenção concentrava-se no acampamento turco. Nele, uma crescente luminosidade empalidecia as primeiras luzes da aurora; acima do louco tangido dos sinos, erguia-se o som do crepitar das chamas, ao qual se misturavam gritos do mais absoluto terror.
- Os jenízaros estão queimando vivos os seus prisioneiros! - exclamou Sonya a Ruiva.
- O amanhecer do Juízo Final. - murmurou Gottfried, horrorizado com o espetáculo que observava.
Desde a beira do rio, podia-se ver quase toda a planície. Sob um céu plúmbeo, cinza e frio, tingido por uma aurora púrpura, a chapada estava coalhada de cadáveres turcos, até onde a vista podia alcançar.
E o exército de sobreviventes se dispersava rapidamente. O grande pavilhão de Suleyman, nas alturas de Semmering, havia desaparecido. As demais tendas estavam sendo rapidamente desmontadas e dobradas. A cabeça daquela longa coluna já havia desaparecido à distância, avançando até as colinas, naquela aurora gelada.
A neve começou a cair em flocos finos.
- Lançaram seu último assalto na noite passada. - disse Sonya a Ruiva a Von Kaimbach - Vi como seus oficiais lhes açoitavam e como gritavam de medo ante nossas espadas. São seres de carne e osso... já estavam no limite de suas forças.

A neve continuou caindo.
Os jenízaros, loucos de raiva, se vingavam em seus prisioneiros. Lançavam às chamas homens, mulheres e crianças - vivos -, ante o olhar sombrio de seu amo, o monarca a quem chamavam o Magnífico, o Misericordioso. E, durante a horrível matança, os sinos de Viena não deixaram de soar, como se suas gargantas de bronze fossem explodir.
- Olhe! - gritou Sonya a Ruiva, agarrando seu colega pelo braço - os akinji formam a retaguarda!
Mesmo àquela distância, podiam ver duas asas de abutre, indo e vindo entre as massas escuras de soldados; a luz vacilante refletia-se sobre um capacete coalhado de jóias. As mãos manchadas de pólvora de Sonya a Ruiva se crisparam; suas unhas rotas e estragadas afundaram nas palmas de suas mãos. Cuspiu um juramento cossaco tão corrosivo quanto uma gota de vitríolo.
- Que se vá esse bastardo, que fez da Áustria um deserto! As almas de todos aqueles a quem massacrou não parecem pesar-lhe muito nos malditos ombros alados! De qualquer forma, não leva sua cabeça, velho amigo!
- Enquanto ele viver, nunca estará muito segura sobre meus ombros. - sussurrou o gigantesco germano.
Os olhos penetrantes de Sonya transformaram-se subitamente numa linha estreita. Pegando Gottfried pelo braço e arrastando-o atrás dela, desceu os degraus da escada quebrada de quatro em quatro. Não viram Nikolás Zrinyi e Paúl Bakics saírem a galope pelas portas da cidade, seguidos por seus homens vestidos de farrapos, arriscando a vida para irem salvar os prisioneiros. O estalar do aço retumbava ao longo de toda a coluna. Os akinji se retiravam lentamente, livrando um feroz combate na retaguarda. Desprezaram a coragem impetuosa de seus atacantes, apoiando-se em sua superioridade numérica. Seguro em meio a seus cavaleiros, Mikhal Oglu sorria sarcasticamente. Suleyman, que avançava no centro da coluna principal, não sorria. Seu rosto parecia a máscara da morte.
Após descer da torre em ruínas, Sonya colocou um pé na cadeira e, logo, o queixo na concavidade da mão, mirando fixamente os olhos, crivados de terror, de Tshoruk.
- O que daria para salvar a vida?
O armênio não respondeu.
- O que daria para salvar a vida de seu filho?
O armênio sobressaltou-se como se lhe houvessem picado.
- Perdoa meu filho, princesa. - gemeu - Te pagarei... tudo o que quiseres... farei qualquer coisa.
Sonya, a Ruiva, passou elegantemente uma perna por cima da cadeira e sentou-se.
- Quero que leve uma mensagem a um homem.
- Quem é esse homem?
- Mikhal Oglu.
O mercador tremeu e passou a língua pelos lábios.
- Diga-me o que devo fazer e serás obedecida. - sussurrou.
- Perfeito. Vamos soltar-lhe e dar-lhe um cavalo. Seu filho ficará conosco como refém. Se fracassares em sua missão, entregarei-o aos vienenses para que se distraiam bastante...
O velho armênio voltou a estremecer.
- Mas, se cumprir corretamente com sua missão, deixaremos os dois livres, e eu e meu colega nos esqueceremos de sua traição. Quero que se reúna o quanto antes com Mikhal Oglu e diga a ele que...

* * *

A coluna turca avançava pela lama lentamente, entre os redemoinhos de neve. Os cavalos inclinavam as cabeças sob o impulso das rajadas de vento gelado. De um lado a outro das linhas espalhadas, os camelos gritavam e gemiam; os bois mugiam tristemente. Os homens escorregavam no barro, dobrando as costas sob o peso de suas armas e equipamento. A noite caía, mas não se deu nenhuma ordem pra pararem. Durante toda a jornada, o exército em retirada havia sido fustigado pelos audazes escudeiros austríacos, que caíram sobre eles como vespas, libertando os cativos diante de seus próprios narizes.
Suleyman avançava entre seus solaks com o rosto sério. Desejava pôr, entre ele e os lugares que haviam presenciado sua primeira derrota, a maior distância possível, pois só assim poderia esquecer que neles apodreciam os corpos de trinta mil muçulmanos, que lhe lembravam que suas ambições haviam reduzido-se a nada. Era o senhor da Ásia Ocidental, mas nunca seria o dono da Europa. Aquelas débeis e desprezadas muralhas haviam salvado o mundo ocidental da dominação muçulmana, e Suleyman o sabia. Os tronos da potência

otomana ressoavam por todo o mundo, fazendo empalidecer o esplendor da Pérsia e da Índia mongol. Mas no Ocidente, os bárbaros arianos de cabelos loiros continuavam invictos. Não estava escrito que o Grande Turco pudesse reinar além do Danúbio.
Suleyman vira que aquilo se escrevia com letras de fogo e sangue, enquanto estava nas alturas de Semmering e assistia à debandada de seus guerreiros, que fugiram das muralhas, apesar das chicotadas cruéis de seus oficiais. Para preservar sua autoridade, tivera que dar ordens de levantar o acampamento... e aquilo lhe queimou a língua como se fosse fel, mas seus soldados estavam no limite e a ponto de desertar. Avançava em silêncio, ruminando pensamentos sombrios, sem sequer dirigir a palavra a Ibrahim. A seu modo, Mikhal Oglu compartilhava o selvagem desconsolo de seu amo. Foi com feroz repugnância que deu as costas ao país que havia devastado, como se ele próprio fosse uma pantera que, meio saciada, tem que renunciar a uma presa. Recordava com satisfação as ruínas carbonizadas das aldeias, as ruas cheias de cadáveres, os gritos dos homens torturados... os gritos das jovens que se retorciam em seus braços de aço. E recordava, com o mesmo prazer, os estertores daquelas mesmas mulheres, entregues às mãos manchadas de sangue de seus assassinos.
Todavia, estava decepcionado e atormentado pela idéia de não ter cumprido sua missão... o Grão-Vizir estava furioso e lhe dirigira palavras ferinas. Havia perdido o apoio de Ibrahim. Para um homem menos importante, aquilo representaria o machado do carrasco. Para ele, significava que precisaria realizar alguma tarefa meritória para, com ela, poder ganhar novamente a confiança do vizir. Naquele estado mental, era um homem tão perigoso e temerário quanto uma pantera ferida.
A neve caía a grandes flocos, tornando a retirada ainda mais penosa. Os homens feridos caíam na lama para não voltarem a levantar-se, cobertos rapidamente por um grosso e branco sudário. Mikhal Oglu avançava com as últimas filas de guerreiros, examinando atentamente as trevas. Desde há varias horas, nenhum inimigo aparecera diante deles. Os austríacos vitoriosos haviam dado meia-volta e regressado a Viena.
As colunas em retirada atravessaram lentamente uma cidade em ruínas. As vigas carbonizadas e os muros, destruídos pelas chamas, formavam sob a neve uma planta escura. Se transmitiu até a retaguarda a notícia de que o sultão desejava continuar avançando e acampar num vale, situado a poucas léguas de distância.
O rápido eco de uns cascos sobre a rota que seguiam fez com que os akinji agarrassem firmemente as lanças e lançassem olhares penetrantes às trevas, estreitando as pálpebras. Mas, era o galope de um só cavalo e escutaram uma voz que perguntava por Mikhal Oglu. Com uma ordem brutal, o Abutre conteve o tiro de uma dúzia de arcos e respondeu. Um grande garanhão cinza surgiu entre os redemoinhos de neve; uma silhueta envolta num manto negro inclinava-se grotescamente sobre o lombo do cavalo.
- Tshoruk! És tu, cão armênio! Por Alá, que eu...!
O armênio conduziu seu cavalo até Mikhal Oglu e lhe sussurrou algo ao ouvido, com aparência inquieta. O frio atravessava as roupas mais grossas. O akinji notou que o armênio tremia violentamente. Os seus dentes batiam e não era capaz de outra coisa, senão falar atropeladamente. Entretanto, os olhos do turco começaram a relampejar, quando escutou a mensagem inteira.
- Cão, não está contando uma mentira?
- Que eu queime no Inferno se minto! - Um violento tremor sacudiu Tshoruk, ao pensar que podia arder envolto em seu próprio cáftan - Caiu do cavalo ao efetuar, com os escudeiros, uma incursão contra vossa retaguarda. Está deitado, com uma perna rota, numa cabana abandonada, a três léguas daqui... está sozinho com sua amante Sonya, a Ruiva, e três ou quatro lansquenetes. Estão totalmente bêbados... beberam todo o vinho que haviam encontrado no acampamento abandonado.
Mikhal Oglu girou o cavalo, com uma rápida decisão.
- Vinte homens comigo! - berrou - Que os demais continuem na coluna principal. Vou buscar uma cabeça que vale seu peso em ouro. Os alcançarei antes que vocês tenham montado o acampamento.
Othman segurou o cavalo de seu amo pelas rédeas cobertas de pedras preciosas.
- Perdeste a razão? Voltar atrás, quando toda a região segue nossos passos...
Cambaleou na sela quando Mikhal Oglu golpeou-lhe a boca com o chicote. O Abutre fez girar seu cavalo e afastou-se a galope, seguido pelos homens a quem havia destacado. Como fantasmas, desapareceram nas trevas insanas.
Othman lhes viu afastarem-se na noite, indecisos. A neve continuava caindo, o vento gemia lugubremente pelos galhos nus. Não havia mais ruídos além dos que produzia a coluna que caminhava lentamente através da cidade em ruínas. Logo, não havia nem sequer aqueles.

Othman sobressaltou-se. De longe, procedentes do caminho que acabaram de seguir, chegaram os berros de quarenta ou cinqüenta mosquetes, disparando ao mesmo tempo. No extremo silêncio que seguiu às detonações, Othman e seus guerreiros sentiram-se dominados pelo terror. Dando a volta freneticamente, fugiram da cidade em ruínas para unirem-se à horda que se retirava.

A NOITE CAÍA SOBRE Constantinopla, mas ninguém percebia, pois o esplendor que Suleyman dava à noite tornava-a tão gloriosa quanto o dia. Nos jardins, que eram uma abundância de flores e perfumes, os braseiros cintilavam como milhões de vagalumes. Os fogos-de-artifício transformavam a cidade num reino de magia, no qual erguiam-se os minaretes de quinhentas mesquitas, como as torres de fogo no seio de um espumante oceano de ouro. Sobre as colinas da Ásia, os povos tribais observavam com a boca aberta, perguntando-se o que seria aquele resplendor que palpitava e atemorizava o leão, fazendo empalidecer até as estrelas. Inúmeras multidões, todas adornadas com trajes de festa e gala, apertavam-se pelas ruas de Istambul. As luzes brilhavam aos milhões, nas gemas que adornavam os turbantes e os khalats listrados... sobre os negros olhos que cintilavam por cima de véus diáfanos... sobre os palanquins adornados que escravos de pele de ébano levavam nos ombros gigantescos.
Todo aquele esplendor emanava do Hipódromo onde, em pomposos espetáculos, os cavaleiros do Turquestão e da Tartária competiam com os do Egito e Arábia em corridas de tirarem o fôlego, onde guerreiros vestidos com armaduras brilhantes se enfrentavam e derramavam sangue sobre a arena, onde homens armados com uma simples espada enfrentavam feras selvagens: leões e tigres de Bengala, e gigantescos javalis das selvas nórdicas. Contemplando aquelas cenas grandiosas, podia-se crer que o mais fausto da Roma Imperial havia sido ressuscitado, com uma decoração oriental.
Num trono de ouro, colocado sobre duas colunas de lápis-lazúli, Suleyman sentava-se indolentemente, passeando o olhar por aqueles esplendores, como os imperadores romanos de toga púrpura haviam feito antes dele. Ao seu redor, se prostravam seus vizires e oficiais, os embaixadores das cortes estrangeiras... Veneza, Pérsia, os kanatos de Tartária. Todos estavam lá... inclusive os venezianos... para felicitá-lo por sua vitória sobre os austríacos. Porque aquela grande festa era para celebrar uma vitória, como havia sido anunciado num edital escrito de próprio punho pelo sultão. Nele, dizia que os austríacos haviam se submetido e pedido perdão de joelhos, mas que, como os reinos da Germânia estavam tão distantes do Império Otomano, 'os Fiéis não viam nenhum sentido em limpar a fortaleza de Viena, purificá-la, reconstruí-la e embelezá-la'. Por aquela razão, o sultão havia aceitado a simples submissão dos desprezíveis germanos e lhes haviam permitido que continuassem desfrutando de sua miserável fortaleza.
Suleyman cegava os olhos do mundo com o brilho de suas riquezas e de sua glória, e tentando convencer a si mesmo que realmente havia conseguido o tanto que desejava fazer. Não fora vencido no campo de batalha; havia posto uma marionete no trono da Hungria; havia devastado a Áustria; os mercados de Istambul e da Ásia eram uma multidão de escravos cristãos. Havia embalsamado seu orgulho ferido e esquecido deliberadamente que trinta mil de seus súditos apodreciam diante das muralhas de Viena, e que seus sonhos de conquistar a Europa jaziam no chão.
Atrás do trono brilhante, os troféus de guerra... estandartes de seda e veludo arrancados dos persas, dos árabes, dos mamelucos do Egito; tapeçarias sem preço, tecidas a fio de ouro. A seus pés se amontoavam os presentes e tributos dos príncipes aliados e vassalos. Túnicas de seda de Veneza, taças de ouro com gemas incrustadas procedentes da corte do Grande Mongol, caftáns bordados a ouro de Erzeroum, jades talhados de Cathay (4); armaduras de prata da Pérsia, adornadas com crinas de cavalo; turbantes do Egito, nos quais as gemas foram habilmente engastadas; curvas espadas de aço temperado de Damasco, mosquetões de prata lavrada de Kabul, couraças e escudos de aço indiano, peles preciosas da Mongólia. O trono estava rodeado, de um lado a outro, por uma longa fileira de jovens escravos, atados com coleiras de ouro a uma longa corrente de prata. Uma fileira estava formada por homens, gregos e húngaros; a outra, por mulheres. Só vestiam toucas de plumas e adornos com jóias, para ressaltar sua nudez.
Eunucos de vestidos flutuantes, com os corpos barrigudos cingidos por cordões de fios de ouro, se ajoelhavam e ofereciam sorvetes em cálices com pedras preciosas, refrescados com neve trazida das montanhas da Ásia Menor, aos hóspedes reais. As tochas bailavam e oscilavam ao compasso dos rugidos da multidão. Os cavalos passavam a galope diante das arquibancadas, voava a espuma de suas bocas entreabertas. No centro da arena, castelos de areia eram presa das chamas quando os jenízaros praticavam suas simulações de

batalha. Os oficiais iam e vinham entre a multidão, que gritava feliz, atirando peças de prata como se fossem gotas de uma resplandecente chuva. Naquela noite, ninguém tinha fome nem sede em Istambul... exceto os miseráveis prisioneiros cáfaros.
Os enviados estrangeiros ficaram vivamente impressionados, estupefatos ante aquele oceano de esplendor e a explosão da magnificência imperial. Ao redor da imensa arena, avançavam pesadamente os elefantes, seus corpos desaparecendo sob carapaças de cobre e ouro; das torres adornadas com jóias, plantadas em seus lombos, os músicos entoavam músicas folclóricas de guerra e, junto ao ressoar das trombetas, rivalizavam com o clamor da multidão e o rugido dos leões. As arquibancadas do Hipódromo estavam cobertas por um mar de rostos, todos voltados para a figura coberta de pedras preciosas, que se sentava no trono. Milhares de gargantas gritavam e aclamavam com frenesi.
Se havia impressionado os enviados de Veneza, Suleyman sabia que impressionara o mundo inteiro. Em meio àquela demonstração de magnificência, os homens esqueceriam que um punhado de atrevidos cáfaros, protegidos atrás de uma muralha em ruínas, lhe haviam fechado para sempre as portas de um Império. Suleyman aceitou uma taça do vinho proibido pelo Profeta e logo disse algumas palavras ao ouvido do Grão-Vizir.
- Convidados de meu amo, o padixá não esquece os mais humildes neste momento de gozos. Aos oficiais que conduziram seus exércitos contra os infiéis, lhes tem feito os mais ricos deleites. Deu duzentos e quarenta mil ducados, para que sejam repartidos entre os simples soldados, e, a cada jenízaro, entregou uma soma de mil aspros.
No seio daquele clamor que se ergueu, um eunuco se ajoelhou diante do Grão-Vizir, apresentando-lhe um pacote de forma arredondada, cuidadosamente embrulhado e fechado. Um pedaço de pergaminho dobrado ia unido a ele, com um selo de lacre vermelho. Chamou a atenção do sultão.
- Bem, meu amigo, o que nos traz aqui?
Ibrahim inclinou-se respeitosamente.
- Algo que fora trazido pelo cavaleiro do correio de Adrianópolis, Leão do Islã. Aparentemente, se trata de um presente enviado por aqueles cães austríacos. Os infiéis, ao que pareço entender, entregaram-no aos guardas da fronteira, para que o trouxessem a Istambul o mais rapidamente possível.
- Abra-o. - ordenou Suleyman, intrigado.
O eunuco prostrou-se ao solo e começou a romper os fechos que cerravam o pacote. Um escravo letrado desdobrou o pergaminho que o acompanhava e começou a ler o conteúdo da mensagem, escrito com mão firme e claramente feminina:

'Ao sultão Suleyman e a seu Grão-Vizir, Ibrahim, assim como a Roxalena, a vadia: Nós, os abaixo-assinantes, enviamos este presente como testemunho de nosso incomensurável afeto e nossa sincera atenção.
SONYA DE ROGATINO E GOTTFRIED VON KAIMBACH'.

Suleyman, que havia se sobressaltado ao ouvir o nome de sua favorita, com a fúria sombreando e convulsionando seu rosto, emitiu um grito estrangulado que foi repetido, como um eco, por Ibrahim.
O eunuco havia arrancado os lacres do cofre, deixando ver o que continha. Um odor acre, de ervas e especiarias conservantes, encheu o ar. O objeto, caindo das mãos do horrorizado eunuco, caiu sobre as pilhas de presentes até os pés de Suleyman, contrastando terrivelmente com as jóias, o ouro e as peças de veludo. O sultão mirava-o fixamente. Naquele instante, todo o esplendor daquela luxuosa mentira lhe escapou das mãos. Sua glória se transformou em trapaça e cinza. Vermelho de raiva, Ibrahim arrancava a própria barba, ofegante e sufocado.
Aos pés do sultão, com as feições fixas num ricto de horror, jazia a cabeça decepada de Mikhal Oglu, o Abutre do Grande Turco.

FIM

1) Rodas: Ou Rhodes, cidade grega famosa pelo gigantesco colosso, esculpido na Idade Antiga (nota do tradutor);
2) O fato de os berberes - que, desde a pré-história (a nossa, não a de Howard), vivem no noroeste da África - terem se convertido ao Islamismo, desde os séculos VII a VIII, não os torna árabes (N. do T.);

3) Entenda-se 'com baixa auto-estima' (idem);
4) Cathay: Nome dado à China, nos séculos XV e XVI (idem).